

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVENO DE 1990



A LIAHONA

NOVEMBRO DE 1990



DESTAQUES

2

MENSAGEM DA
PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
**UMA CIDADE EDIFICADA
SOBRE UM MONTE**
PRESIDENTE
GORDON B. HINCKLEY

10

**BERNARD LEFRANDT:
PIONEIRO
HOLANDÊS-INDONÊSIO**
ALICE BREWER SAILY

18

**CHAVES PARA O
DESENVOLVIMENTO DE
FAMÍLIAS BEM SUCEDIDAS**
WILLIAM G. DYER,
PHILLIP R. KUNZ

25

SUGESTÕES PARA DISCURSOS

26

**O MELHOR LUGAR PARA
SE ESTAR**
ANN LAEMMLEN

30

NINGUÉM ME VIU
MARIANNE E. FLINT

32

“QUANTOS PÃES TENDES?”
JACK M. LYON

40

**TREZENTOS ROLOS DE
PERGAMINHO**
MARIONA WASHBURN

42

CADA UMA PELO NOME
CYNTHIA PENNELL

ESPECIALMENTE
PARA OS
JOVENS

14

OUÇA COM O CORAÇÃO
ANNE C. BRADSHAW

36

**SESSENTA SUGESTÕES PARA
SERVIÇO**

46

CONSTRUA CORRETAMENTE
ELDER JOSEPH P.
WIRTHLIN

DEPARTAMENTOS

1

COMENTÁRIOS

9

MENSAGEM DAS
PROFESSORAS
VISITANTES:
**LEMBRAR-SE DELE SEGUINDO
O PROFETA**

SEÇÃO INFANTIL

2

HISTÓRIAS DO
LIVRO DE MÔRMON:
ENOS

4

REPÓRTER DA FAMÍLIA
LISA DAHLGREN

7

TEMPO DE
COMPARTILHAR:
**AS PRIMEIRAS COISAS EM
PRIMEIRO LUGAR**
LAUREL ROHLFING

10

**AMIGOS CRIATIVOS EM
NOTÍCIA**

12

DE UM AMIGO
PARA OUTRO:
ÉLDER YOSHIHIKO KIKUCHI

14

BÊNÇÃO PARA MEI LIN
VICKI BLUM

NA CAPA:
EMBORA COMPLETAMENTE SURDA,
DEBORAH FERGUSON AINDA ASSIM
CONSEGUE COMUNICAR A ALEGRIA
DE VIVER O EVANGELHO. VIDE “OUÇA
COM O CORAÇÃO”, P. 14.

CAMINHO DE LUZ

Em 1967, quando minha mulher e eu fomos batizados, os missionários nos deram uma assinatura da *Liahona* (espanhol). Conhecer o Pai Celestial e aprender mais sobre ele, sentindo o amor que ele e nosso Irmão e Salvador, Jesus Cristo, devotam por nós, tem sido como uma luz suave que gradualmente vem iluminando nossas vidas.

Os artigos da *Liahona* têm-nos fortalecido tanto com o passar dos anos! A leitura das mensagens dos profetas é um guia em um caminho de luz para uma vida melhor. Nossos três filhos foram criados no evangelho. Cumpriram missão de tempo integral e continuam a refletir o modo de vida do evangelho, através de seus exemplos.

Atualmente, minha mulher e eu somos missionários nas Ilhas de Páscoa (Missão Chile Santiago Norte). Somos gratos pelas mensagens da Primeira Presidência, que nos ajudam a permanecer no

caminho da luz e a servir nossos irmãos e irmãs aqui em Rapa-Nui. A *Liahona* nos auxilia a compartilhar a mensagem de salvação e vida eterna.

*Élder Pedro Sandoval e
irmã Elena M. Sandoval
Ramo de Rapa-Nui
Ilhas de Páscoa*

DINHEIRO BEM GASTO

Ao ler, mensalmente, os comentários positivos sobre quão maravilhosas são as revistas da Igreja, subitamente me ocorreu: "Estamos dizendo isto para as pessoas erradas." O que aconteceria, se cada um de nós, quando lemos um artigo muito bom, contássemos a um amigo, ou a alguém de nossa ala? O que aconteceria, se, em nossos testemunhos, compartilhássemos experiências sobre a forma como as revistas da Igreja têm influenciado nossas vidas? O que aconteceria, se toda

família de nossa ala tivesse uma assinatura? Penso que mais pessoas seriam tocadas pela mensagem do evangelho, vidas seriam mudadas, e nossos amigos poderiam sentir o mesmo que nós.

Acho, também, que o número de assinaturas dobraria. Vamos, aceitem o desafio e falem com um amigo! Presenteiem-no com uma assinatura. Será o dinheiro mais bem aproveitado que vocês já gastaram com alguém. Para todos aqueles que trabalham nas revistas da Igreja: Continuem a fazer um bom trabalho. Vocês são formidáveis!

*Gaylyn Shoemaker
Auburn, Washington*

NO MESMO DIA

Gosto muito de ler a revista da Igreja. Recentemente tenho tido problemas. Eu sabia que teria de contar ao meu bispo, para poder arrender-me realmente, mas não conseguia reunir forças sufi-

cientes para confessar-lhe meus pecados. Foi quando recebi o exemplar de agosto de *A Liahona*. Ele discutia o meu problema na seção de Perguntas e Respostas. (Vide "Confessar ao Bispo", p. 28.) Depois de ler o artigo, compreendi que não estava só. No mesmo dia, procurei meu bispo e conversei com ele. Foi difícil, mas o artigo me deu forças. Agradeço aos autores e aos jovens que compartilharam suas experiências. Eu sei que vocês foram realmente inspirados.

Nome não revelado

NOTA DO EDITOR:

Somos imensamente gratos a nossos leais leitores e os convidamos a nos enviarem suas cartas, artigos e histórias. (Favor incluir seu nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito.) Apreciamos as cartas já recebidas e aguardamos ansiosamente mais cartas de nossos leitores.

Novembro de 1990, Vol. 43, n.º 11
90991 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

Internacionais Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte:

Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp
Controlador: Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado (Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 830,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exte-

rior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 70,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impresoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A *Liahona*, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não

obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.



Uma Cidade Edificada sobre um Monte

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY
PRIMEIRO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Lembrar-me-ei sempre das significativas experiências que tive na dedicação do Templo de Washington. Durante grande parte de uma semana estive, juntamente com outros, à porta do Templo de Washington recepcionando convidados especiais, que incluíram a esposa do presidente dos Estados Unidos, juízes do Supremo Tribunal, senadores e deputados, embaixadores de diversos países, clérigos, educadores e empresários. Após aquela semana de convites especiais, mais de 300.000 visitantes passaram, recentemente, por esse sagrado edifício.

Muito espaço em jornais e revistas foi dedicado ao templo, e o rádio e a televisão fizeram grande divulgação de sua história. Duvido que qualquer edifício, construído no leste dos Estados Unidos naquela época, tenha atraído tanta atenção.

Quase sem exceção, os visitantes mostraram apreço e respeito. Muitos foram profundamente tocados. Ao deixar o templo, a esposa do presidente dos Estados

**"E VIRÃO MUITOS
POVOS, E DIRÃO:
VINDE, SUBAMOS AO
MONTE DO SENHOR,
À CASA DO DEUS DE
JACÓ, PARA QUE NOS
ENSINE O QUE
CONCERNE AOS SEUS
CAMINHOS, E
ANDEMOS NAS SUAS
VEREDAS."
(ISAÍAS 2:3.)**

Unidos comentou: “Esta é verdadeiramente uma grande experiência para mim . . . É uma inspiração para todos.”

Enquanto eu permanecia, com outras pessoas, dia após dia, naquele edifício sagrado, cumprimentando muitos dos visitantes ilustres e respeitadas do mundo, duas correntes de pensamento repetidamente atravessaram-me a mente. A primeira relacionava-se ao passado. A segunda dizia respeito ao presente e ao futuro.

Minha mente recuou cento e trinta e cinco anos. Nosso povo estava então em Commerce, Illinois, sem lar, e passando necessidades, enfrentando o amargo inverno que logo chegou. Haviam sido expulsos do Missouri e atravessaram o Mississipi, buscando asilo em Illinois. No lugar onde o rio faz uma larga curva, compraram uma área de terra de magnífica localização, mas tão pantanosa, que uma parelha não podia atravessá-la, sem que os animais se atolassem na lama. Esse local, com tremendo esforço e grande sacrifício, iria transformar-se em Nauvoo, a Bela. Mas, em 1839, Commerce, era um ponto de reunião para milhares expulsos de seus lares e agora desabrigados. Haviam deixado para trás o trabalho de anos – casas e celeiros, igrejas e edifícios públicos, e centenas de fazendas produtivas. Mais ainda, sepultos no solo do Missouri, haviam deixado entes queridos assassinados por perversos populachos. Na miséria agora, despojados de tudo, incapazes de obter indenização do Missouri, decidiram encaminhar uma petição ao presidente e ao Congresso dos Estados Unidos. Joseph Smith e Elias Higbee viajaram para Washington.

Partiram de Commerce, em 20 de outubro de 1839, numa charrete. Chegaram a Washington cinco semanas mais tarde. A maior parte do primeiro dia foi gasta em busca de acomodações que pudessem pagar. Comentaram, numa carta a Hyrum Smith: “Encontramos o alojamento mais barato que se poderia conseguir nesta cidade” (*History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 4:40).

Em audiência com o presidente dos Estados Unidos, Martin Van Buren, apresentaram o seu caso. A resposta foi: “Cavalheiros, vossa causa é justa, mas nada posso

fazer por vós . . . Se vos der apoio, perderei os votos do Missouri” (*History of The Church*, 4:80).

Apelaram então para o Congresso. Nas frustradoras semanas seguintes, Joseph retornou a Commerce, cavalegando a maior parte do tempo. O Juiz Higbee permaneceu para pleitear a causa deles, somente para, no final, ouvir que o Congresso nada faria.

Quanto progrediu a Igreja no respeito e confiança das autoridades públicas entre 1839, quando Joseph Smith foi repudiado em Washington, e 1974, quando a Igreja e seu templo receberam boas-vindas e honrarias! Esses foram, em essência, os primeiros e últimos capítulos de meus pensamentos, durante aqueles belos dias no Templo de Washington.

Entre esses dois, o primeiro e o último, capítulos, corre o fio de uma dezena de outros que falam da morte de Joseph e Hyrum naquele opressivo dia de 27 de junho de 1844; do saque de Nauvoo; de longos comboios de carroções atravessando o rio para o Território de Iowa; dos acampamentos na neve e na lama, naquela fatídica primavera de 1846; de Winter Quarters, no Missouri, e a terrível difteria, as febres e a praga que dizimavam as fileiras; da convocação de homens para servir no exército, emitida pelo mesmo governo que anteriormente fora surdo aos seus apelos; da trilha marcada com sepulturas ao longo dos rios Elkhorn, Platte e Sweetwater, passando pelo Passo Sul (N.T. o ponto mais elevado do caminho) e depois para o vale do Lago Salgado; das dezenas de milhares que deixaram o Leste e a Inglaterra para arrastar-se pela longa trilha, alguns empurrando carrinhos-de-mão e morrendo no inverno do Wyoming; da infundável labuta de arrancar artemísia nos vales das montanhas de Utah; da abertura de quilômetros de valas para levar água ao solo sedento; das décadas de clamor público contra nós, nascido da intolerância; da privatização de direitos de cidadania sob leis promulgadas na mesma cidade de Washington e aplicadas por oficiais de justiça enviados da sede do governo federal. Estes estão entre os capítulos de nossa história épica.

Graças a Deus que aqueles dias difíceis passaram. Gra-



A PERDA DE
TEMPLOS DA ÉPOCA
DOS PIONEIROS, COMO
OS DE NAUVOO E
KIRTLAND, E A
REJEIÇÃO E PERSE-
GUIÇÃO SOFRIDAS
PELOS PRIMEIROS
SANTOS, CONTRAS-
TAM DE MANEIRA
MARCANTE COM A
MAIOR COMPREEN-
SÃO E O MAIOR
APREÇO OFERECI-
DOS À IGREJA,
HOJE.

gas sejam dadas aos que se mantiveram fiéis, enquanto passavam por aquelas chamas de provação. Que preço, que terrível preço eles pagaram, do qual os beneficiários somos nós. Melhor seria que nunca o esquecêssemos. Graças sejam dadas aos que, pela virtude de suas vidas, desde aí conquistaram para este povo uma nova medida de respeito. Agradecemos por um dia melhor, com maior compreensão e com o largo e generoso apreço oferecidos à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Esses eram meus pensamentos, enquanto apertava as mãos de muitos dos milhares que foram ao Templo de Washington por curiosidade, e saíram com admiração, e alguns com lágrimas nos olhos.

Aqueles pensamentos, porém, referiam-se principalmente ao passado. Houve outros sobre o presente e o futuro. Certo dia, enquanto dirigia o carro pela perimetral no meio do tráfego, olhei com espanto, como acontece com todos os que viajam por aquela via expressa, para as torres luminosas da casa do Senhor, elevando-se para o céu de uma colina entre bosques. Algumas palavras das escrituras vieram-me à mente, palavras proferidas pelo Senhor, quando se colocou sobre o monte e ensinou o povo. Disse ele:

“Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos os que estão na casa.

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:14-16; grifo nosso).

Todo esse povo se tornou como que uma cidade sobre um monte, que não pode ser escondida. Às vezes ficamos ofendidos, quando alguém que é membro da Igreja se envolve num crime, e a imprensa se apressa em dizer que é mórmon. Comentamos entre nós que, caso se tratasse de membro de qualquer outra igreja, o caso não seria mencionado.

No entanto, não será justamente isto um elogio indireto ao nosso povo? O mundo espera algo melhor de nós, e quando um dos nossos falha, a imprensa imediatamente

o nota. Nós nos tornamos, sem dúvida, como uma cidade sobre um monte, para que o mundo a veja. Se quisermos ser o que o Senhor espera de nós, temos que ser realmente “o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que (anunciemos) as virtudes daquele que (nos) chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pedro 2:9).

A menos que o mundo altere o rumo de suas tendências atuais (e isso é pouco provável); e se, por outro lado, continuarmos a seguir os ensinamentos dos profetas, seremos cada vez mais um povo distinto e peculiar, do qual o mundo tomará conhecimento. Por exemplo: enquanto a integridade da família se fragmenta sob as pressões mundanas, nossa posição quanto à santidade da família se tornará mais óbvia e, em contraste, ainda mais peculiar, se tivermos a fé para nos mantermos nessa posição.

Enquanto a crescente atitude permissiva acerca do sexo continua a se espalhar, a doutrina da Igreja, como consistentemente ensinada por mais de um século e meio, tornar-se-á cada vez mais singular e até estranha para muitos.

Enquanto o consumo de álcool e o abuso de drogas aumenta anualmente dentro dos costumes de nossa sociedade, nossa posição estabelecida pelo Senhor há mais de um século e meio, tornar-se-á mais incomum diante do mundo.

Enquanto o governo assume, cada vez em maior escala, a carga de cuidar das necessidades humanas, a independência de nossos serviços sociais e a doutrina em que ela se baseia tornar-se-á mais e mais importante.

Enquanto o dia do Senhor se torna cada vez mais um dia de comércio e entretenimento, aqueles que obedecem o preceito da lei escrita pelo dedo do Senhor no Sinai e reforçada pela revelação moderna, parecerão mais incomuns.

Nem sempre é fácil viver no mundo sem fazer parte dele. Não podemos viver inteiramente isolados, ou para nós mesmos, nem gostaríamos de que assim fosse. Devemos conviver com os outros. E ao fazê-lo, podemos ser afáveis. Podemos ser inofensivos. Podemos evitar qualquer espírito ou atitude hipócrita. Podemos, contudo,



ENQUANTO A
INTEGRIDADE DA
FAMÍLIA SE
FRAGMENTA SOB
AS PRESSÕES
MUNDANAS, NOSSA
POSIÇÃO QUANTO À
SANTIDADE DA
FAMÍLIA SE
TORNARÁ MAIS
ÓBVIA . . . SE
TIVERMOS A FÉ
PARA NOS MANTER-
MOS NESSA
POSIÇÃO.

manter nossos padrões. A tendência natural será noutro sentido, e muitos têm sucumbido a ela.

Em 1856, quando os santos dos últimos dias estavam praticamente sozinhos nos vales do oeste, alguns pensaram que estaríamos protegidos dos costumes do mundo. Ante essa opinião, Heber C. Kimball, da Primeira Presidência, respondeu: “Quero dizer-vos, meus irmãos, que chegará o tempo em que estaremos tão misturados nestes vales agora pacíficos, a ponto de ser difícil distinguir o rosto de um santo daquele de um inimigo do povo de Deus. Então irmãos”, prosseguiu ele, “estai atentos à grande separação, porque haverá um tempo de grande peneiração, e muitos cairão; porque, digo-vos, existe uma prova, uma Prova, uma PROVA que se aproxima, e quem será capaz de suportar?” (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Bookcraft, 1945, p. 446.)

Não conheço precisamente a natureza dessa prova, mas estou inclinado a pensar que o tempo já chegou, e que a prova consiste em nossa capacidade de viver o evangelho, em vez de adotar os caminhos do mundo.

Não advogo uma fuga da sociedade. Ao contrário, temos a responsabilidade e o desafio de tomar nosso lugar, no mundo dos negócios, da ciência, do governo, da medicina, da educação, e de todas as outras profissões importantes e construtivas. Temos a obrigação de treinar nossas mãos e mentes, para nos destacarmos no trabalho do mundo, para a bênção de toda a humanidade. Ao fazê-lo, teremos que trabalhar com os outros. Isso, porém, não exige uma renúncia de padrões.

Podemos manter a integridade de nossas famílias, caso seguirmos o conselho de nossos líderes. E assim fazendo, os que nos cercam nos observarão com respeito e serão levados a perguntar como isso é possível.

Podemos opor-nos à onda de pornografia e lascívia que está destruindo a própria fibra das nações. Podemos evitar as bebidas alcoólicas e as drogas, e apoiar firmemente as medidas destinadas a diminuir seu consumo. Quando o fizermos, encontraremos outros que se sentirão da mesma forma que nós, e que se juntarão a nós nessa batalha.

Podemos cuidar melhor dos nossos, que talvez estejam necessitados, em vez de passar essa carga ao governo, e assim preservar a independência e a dignidade daqueles que precisam de auxílio e têm direito a ele.

Podemos evitar compras no dia do Senhor. Dispondo de seis outros dias na semana, nenhum de nós precisa comprar mobília no domingo. Com um pouco de planejamento cuidadoso, podemos evitar a compra de alimentos no domingo.

Ao observarmos esses e outros padrões ensinados pela Igreja, muitos do mundo nos respeitarão e encontrarão forças para seguir o que também sabem ser certo.

E, nas palavras de Isaías: “E virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas” (Isaías 2:3).

Não é preciso transigir. Não devemos transigir. A candeia que o Senhor acendeu nesta dispensação pode tornar-se como uma luz para o mundo inteiro, e outros, vendo nossas boas obras, podem ser levados a glorificar a nosso Pai Celestial e a seguir em sua própria vida os exemplos que observem na nossa.

Começando por vós e por mim, pode haver um povo inteiro que, em virtude de nossa vida em nosso lar, em nossas profissões, e mesmo em nossos entretenimentos, pode tornar-se como uma cidade sobre um monte, para a qual os homens poderão olhar e aprender, e um estandarte para as nações, da qual o povo da terra poderá adquirir força. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Diz o Presidente Hinckley: “A menos que o mundo altere o rumo de suas tendências atuais . . . seremos cada vez mais um povo distinto e peculiar.”

2. Nem sempre é fácil viver no mundo sem fazer parte dele. “Podemos, contudo, manter nossos padrões.”

3. O que podemos fazer para que nossa “luz brilhe” diante dos homens?

LEMBRAR-SE DELE SEGUINDO O PROFETA

“SEJA PELA MINHA PRÓPRIA VOZ, OU PELA DE MEUS SERVOS, NÃO IMPORTA” (D&C 1:38).

Você já perguntou a si mesma: “Como eu teria respondido ao chamado de arrependimento de Samuel, o lamanita? Como teria reagido às admoestações de uma destruição iminente, pronunciadas por Jeremias? E ao testemunho do jovem Joseph Smith?”

Cada uma de nós gostaria de haver estado entre aqueles que acreditaram nos profetas antigos e os seguiram, mas oportunidades semelhantes nos são dadas em nossos dias. O mesmo Jeová, que chamou e falou por intermédio de profetas antigos, continua a enviar suas mensagens a um profeta vivo. Ao levantarmos as mãos para apoiar o Presidente da Igreja, demonstramos nossa fé que ele é o meio pelo qual receberemos instruções divinas para enfrentar os desafios de nosso próprio tempo.

SERÁ QUE ESCUTAMOS?

Temos a bênção de receber as palavras de nosso profeta regularmente, por intermédio das revistas da Igreja e outros meios. No entanto, tiramos proveito total das oportunidades de ler e meditar no conteúdo de suas mensa-

gens escritas? Ou será que, às vezes, negligenciamos seus conselhos, porque achamos que a oração, o estudo das escrituras, a honestidade e outros tópicos periodicamente tratados “já são de nosso conhecimento”?

As escrituras nos trazem importantes lições do passado, sobre obediência ao profeta. A família de Noé aceitou as admoestações de seu patriarca, ao passo que seus vizinhos não o fizeram. Néfi e Lamã reagiram de maneiras bem opostas aos pedidos inspirados de seu pai. Em ambos os casos conseqüências dramáticas resultaram da recusa em seguir o profeta.

Abatida depois de um noivado desfeito, Marlene Morris achou conforto

seguindo o conselho do Presidente Ezra Taft Benson de estudar seriamente o Livro de Mórmon. À medida que lia, foi descobrindo que as promessas do Presidente Benson, de encontrar “maior poder” e “vida cada vez mais abundante” haviam-se realizado.

“O estudo regular das escrituras também me trouxe muitas outras bênçãos”, diz Marlene. “Minha fé começou a crescer, não só no evangelho, mas também em mim mesma. Compreendi que Deus é um Pai Celestial amoroso que . . . nos deu a nós, seus filhos, papéis importantes a desempenhar no seu plano para nossa felicidade.” (*Ensign*, março de 1989, p. 37.)

“Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7). O Senhor cumpriu esta promessa; se realmente amarmos a Deus, amaremos seu profeta ungido e haveremos de prestar-lhe obediência. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Debata como podemos familiarizar-nos com a palavra do Senhor, conforme revelada hoje em dia, por meio de nosso profeta. Compartilhe mensagens de conferência, contidas na revista da Igreja, *A Liahona*, com as irmãs que visita.
2. Preste seu testemunho de que o profeta atual é o líder escolhido pelo Senhor para nós, hoje.



Bernard Lefrandt: Pion



eiro Holandês-Indonésio



N ALICE BREWER SAILY

o início, Bernard Lefrandt se recusou a escutar os dois missionários americanos que se apresentaram em sua casa em Haia, na Holanda, em 1950. Foi um modo de agir não muito característico de um homem cuja hospitalidade era bem conhecida na Indonésia, onde nasceu. Mas Bernard, ou Bert, como os amigos de diversos países aprenderam a conhecê-lo, acreditava que já possuía um Deus que havia preservado sua vida vezes sem conta. Bert já havia sido salvo de animais selvagens ao caçar nas florestas, de soldados inimigos ao saltar de pára-quadras atrás das linhas inimigas durante a II Guerra Mundial e, mais recentemente, de balas assassinas ao ser colocado numa lista negra, na Indonésia. O Deus de Bert havia até mesmo salvo a vida de sua mulher e de seus filhos em um campo para refugiados. Como, então, podia ele voltar-se para um novo deus?

A primeira vez que os missionários visitaram a casa de Lefrandt foi na Holanda, no fim de 1950; a família mudara-se para lá em 1948. Nora, esposa de Bernard, uma mulher profundamente espiritual, ficou impressionada com a mensagem dos rapazes, que falava da bondade de Deus e de um evangelho restaurado. A misericórdia de Deus ajudara Nora e sua família a sobrepujar dificuldades praticamente insuperáveis. Ela aceitou o Livro de Mórmon, bem como o desafio de lê-lo. Quando Bert, porém, soube da visita dos missionários, recusou-se teimosamente a ter qualquer envolvimento, fosse com os élderes ou com o livro que a mulher lia tão atentamente.

Se a coragem fosse o único requisito necessário para que ele enfrentasse os dois mensageiros mórmons e seu livro, ninguém estaria melhor qualificado que Bernard

Willem Lefrandt. Descendente de ancestrais holandeses, indonésios e franceses, Bert era perito na confrontação corajosa dos desafios pelos quais passou na Indonésia. Sua imensa força física lhe granjeou, entre os habitantes das vilas, a reputação de ser dono de um poder quase sobrenatural. Nas ilhas foi considerado, por unanimidade, o campeão nacional de caçada aos porcos selvagens, um esporte que praticava de mãos vazias.

Tampouco podia sua hesitação ser atribuída à ignorância. A inteligência, educação e generosidade natural de Bernard Lefrandt lhe proporcionaram uma mente aberta e uma atitude carinhosa para com todos. Bert trabalhava como inspetor de alfândega para o governo holandês, quando ficou conhecendo a filha de seu chefe, com quem se casou. Ela era uma inteligente professora, holandesa-indonésia, chamada Nora. Posteriormente ele se tornou oficial da Marinha Real Holandesa. Eram ambos linguistas talentosos, e falavam francês, alemão, holandês e inglês, bem como diversas línguas das ilhas indonésias. Juntos criaram os filhos na crença de um Deus bondoso, tendo por valores os princípios cristãos.

O principal obstáculo para Bert foram as idéias definidas que possuía sobre religiões certas e erradas. Morando na Indonésia, não se sentia bem com as crenças supersticiosas locais e com o espiritismo. Procurou verdades maiores, e chegou a pensar em se tornar sacerdote budista – um pensamento que abandonou, pois significava ter de deixar mulher e filhos. A crença firme da mulher em Jesus Cristo se tornou sua também, e ele ficou conhecendo bem a Bíblia, através de estudo constante.

Nora acabou a leitura do Livro de Mórmon sozinha. Ao término de outra lição solitária com os missionários, sentiu tão poderosamente o Espírito, que desejou ser batizada. No entanto, quis também esperar pelo marido, pois havia notado que ele lia o Livro de Mórmon quando pensava que ela estava dormindo. Tarde da noite, Bert ligava uma luz mais fraca e lia até duas ou três da manhã, fingindo no dia seguinte, que dormira a noite toda. Nora esperou pacientemente por ele.

Ela aprendera a esperar, durante a II Guerra Mundial, quando pensou haver perdido o marido. A mesma coragem que levara Bert a ganhar condecorações do Alto Comando Aliado e do governo holandês, por bravura em face a perigos graves, também o levou a saltar de pára-quedas com os ingleses por trás das linhas japonesas. Ele havia sido emprestado às forças britânicas, e Nora nada sabia sobre o seu paradeiro. Ficando só, com duas crianças pequenas, ela sobreviveu num campo para refugiados de pós-guerra, em Bombaim, na Índia, concluindo, após quatro anos sem notícias, que nunca mais veria o marido.

Mas um dia, em 1946, ela estava dando aula para algumas crianças, quando um homem entrou e parou no fundo da sala. Era Bert. A serviço dos ingleses, numa base em Singapura, ele examinara as listas dos campos para refugiados do país. Depois de uma alegre reunião com a família, cumpriu uma nova designação no Ceilão (Sri Lanka), desta vez com a família, antes de retornar à Indonésia.

Bert continuou a ler o Livro de Mórmon em segredo e começou até mesmo a escutar os missionários por detrás da porta. Quando, por fim, consentiu em falar pessoalmente com os élderes, tornou-se conhecido como um pesquisador “muito difícil”, constantemente exigindo provas bíblicas de cada ponto doutrinário e requerendo um ano de palestras.

Entrementes, Nora e sua filha, Bertie, foram batizadas. Desejando compartilhar sua alegria com os que lhe eram mais caros, Nora escreveu para amigos que moravam na Nova Guiné, falando-lhes sobre sua nova Igreja. Poucos dias depois, recebeu uma carta deles – as cartas haviam-se cruzado no correio. A carta do amigo falava sobre um pescador da Nova Guiné que havia descoberto um livro estranho no mar, um Livro de Mórmon. Será que os Lefrandt sabiam alguma coisa sobre ele ou sobre Joseph Smith? Certamente o livro era de Deus, escreveram eles, incentivando os amigos da Holanda a descobrirem o que pudessem sobre os mórmons.



ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

O pedido teve um efeito positivo sobre Bert, que aprendera a escutar os amigos. Ao voltar para a Indonésia, vindo de Singapura, em 1946, ele retornou para um país envolvido em forte tumulto político. Os nacionalistas indonésios lutavam pela independência dos Países Baixos*, um sentimento que Bert compreendia e, com o qual até mesmo simpatizava. Mais ainda era um oficial holandês e havia até mesmo recebido a designação de caçar e matar os atiradores nacionalistas. Ele os caçava e depois salvava-lhes a vida, deixando-os trabalhar no jardim de sua casa. Quando os nacionalistas tomaram o poder, um antigo “jardineiro” de Bernard se tornou oficial do governo e mandou uma mensagem para os Lefrandt: Bert estava numa lista de pessoas que seriam fuziladas por causa de sua filiação com os holandeses. Dez dias depois, os Lefrandt e seus três filhos estavam num barco em direção à Holanda.

Foi lá que Bert finalmente desistiu de oferecer resistência às verdades maiores do evangelho. Certo dia, durante um debate com os élderes, colocou sua Bíblia na mesa e descansou a mão sobre ela. “Já não sei mais o que perguntar”, declarou. Após um ano de batismo, em março de 1952, ele foi chamado para ser o presidente do Ramo de Haia.

A tenacidade e a determinação que levaram Bernard Lefrandt a atravessar selvas e território inimigo, agora encontraram propósito no evangelho restaurado de Jesus Cristo. Bert e Nora se tornaram servos fiéis e pioneiros, não só na Holanda, mas também na Nova Guiné, para onde ele foi mais tarde transferido pelo governo holandês, de 1954 a 1956. Lá realizaram a Escola Dominical, e reuniões sacramentais em seu lar, para a família e os outros dois membros que estavam destacados para a base de Nova Guiné. Bert apresentou o evangelho a outros oficiais da marinha e realizou reuniões mensais com sacerdotes e ministros de igrejas locais, ensinando-lhes sobre

a restauração e o Livro de Mórmon.

Sempre conscientes da bondade de Deus para com sua família, Bert e Nora exemplificavam o amor e a generosidade do Cristo, adquirindo a reputação de pessoas justas, generosas e de mente aberta, onde quer que fossem. Bert falava entusiasticamente sobre o evangelho, sempre que surgia uma oportunidade, e ao deixar a Nova Guiné, já havia distribuído um grande suprimento de livros e folhetos da Igreja, num esforço para edificar o reino.

Os Lefrandt voltaram para a Holanda em 1956, desta vez para Amsterdam, onde Bert foi novamente chamado para ser presidente de ramo. Depois de se mudarem novamente para Haia, em 1960, ele foi chamado como conselheiro do presidente da primeira estaca da Europa: A Estaca Haia Holanda. Ele cumpriu esses chamados com um entusiasmo sempre percebido por seus filhos – Frank Cornelius, Bertie Louise, Eric Gerard e Robert. “Meus pais foram edificadores no verdadeiro sentido da palavra, verdadeiros pioneiros”, lembra Bertie (sra. Jack P. Van Oudheusden), “estavam sempre trabalhando, e podíamos sentir seu amor pelo evangelho”.

Quando Nora faleceu, em agosto de 1971, pessoas lotaram vários ônibus para assistir ao funeral. A cerimônia religiosa, por ocasião da morte de Bernard, em janeiro de 1985, ocorreu em meio a uma nevasca tão pesada, que foi impossível realizar o sepultamento naquele dia. Ainda assim, muitos enfrentaram temperaturas baixíssimas para pagar tributo a seu amigo.

Na Holanda, bem como em outros países pelos quais Bernard Willem Lefrandt viajou e viveu, muitas sementes por ele plantadas deram fruto, e são muitos os que homenageiam seus esforços como pioneiro internacional e servo do Senhor. □

Alice Brewer Saily serve como missionária de templo, juntamente com seu marido, e vive na Ala Grandview 2, Estaca de Provo Grandview. Foi secretária do adido militar americano nos Países Baixos, em 1952, ocasião em que conheceu Bernard e Nora Lefrandt, pouco depois de serem convertidos.



TODAS AS FOTOGRAFIAS SÃO DE BRIAN K. KELLY (* N. DO T.)



OUÇA COM O CORAÇÃO

ANNE C. BRADSHAW

Como podem três jovens encantadoras, completamente surdas, falar fluentemente, com confiança e alegria?

A resposta? Com fé paciente, esforço e a ajuda carinhosa de pais, irmãs, professores e do Pai Celestial.

As irmãs Ferguson, Deborah, de 23 anos, Julie-Ann, de 18, e Heather, de 15, pertencem ao Ramo de Bangor, Estaca Belfast Irlanda do Norte, e nasceram com problemas de audição. As outras duas irmãs, Amanda, de 22 anos, e Gail, de 20, juntamente com os pais, Peter e Lillian, possuem audição normal. Os avós das jovens também nasceram surdos-mudos.

A comunicação, porém, não é problema para esta família admirável. Confiança no Senhor e determinação estão produzindo milagres em suas vidas.

Disto temos provas abundantes nas muitas realizações de Deborah. Sua alegria e vontade de viver plena-

DEBORAH, INSERIDA NA FOTO (ACIMA), JULIE-ANN E HEATHER FERGUSON DESCOBRIRAM MUITAS MANEIRAS DE SE COMUNICAR COM OS OUTROS, QUANDO ELES SE MOSTRAM DISPOSTOS A OUVIR COM ALGO MAIS QUE OS OUVIDOS.



mente, sobrepujaram alguns de seus problemas de audição. Desde a formatura, no seminário, ela tem participado do programa de escotismo da Igreja, servindo como assistente em posições de liderança.

Entre os outros prêmios ganhos por Deborah, com muito esforço, encontramos troféus de todos os formatos e tamanhos conquistados graças à sua participação em numerosos esportes, incluindo futebol americano, badminton (espécie de tênis jogado com peteca*), squash (modalidade de jogo de raquete e bola*) e natação.

“Quando realizamos um festival de dança para a juventude”, declarou a presidente das Moças, irmã Geddis, “Deborah foi a que melhor observou o ritmo, movimentando-se de maneira perfeita com a música.” Deborah explica: “Embora eu não possa ouvir os sons, posso sentir vibrações através do assoalho e, com atenção, posso dançar tão bem quanto qualquer pessoa.”

Dançando ou estudando, obstáculo algum impede Deborah de participar de todos os programas que a Igreja oferece. “Quero cumprir uma missão”, diz ela. “Gosto de servir e tenho um desejo muito grande de espalhar o evangelho entre outras pessoas com problemas de audição.”

Sua irmã mais nova, Amanda, sente-se do mesmo jeito. Embora ouça perfeitamente bem, tem visto sua família atingir as metas que estabeleceram e está determinada a ajudar as pessoas menos afortunadas do que ela. Amanda está fazendo um curso universitário de três anos, de linguagem de sinais para os surdos, a fim de qualificar-se para interpretar e ensinar.

“Eu gostaria de começar compartilhando o evangelho com meus avós, tia e tios que também são surdos”, explica ela. “Sinto que eles estão perdendo muitas coisas. Adoraria poder ajudá-los a conhecer a verdade.”

O aprendizado também desempenha um papel importante na vida de Gail—principalmente o seminário. “É um programa maravilhoso. Ganho tanto com ele! A leitura de experiências de pessoas nas escrituras, tem-me ajudado a apreciar minha própria família e suas dificuldades atuais.”

Gail possui um talento fora do comum para lidar com crianças. Agindo como “ouvido” para as irmãs mais novas durante muitos anos, ela desenvolveu paciência, bondade e uma aguda sensibilidade para com as necessidades alheias.

Esses ouvidos atentos fazem muita falta a Julie-Ann e Heather durante grande parte do ano. Estas duas jovens deixam casa e família para freqüentar a renomada Escola Primária para Surdos, Mary Hare United Kingdom em Newbury, Inglaterra. Devido aos altos padrões acadêmicos que esta importante escola possui, já é uma realização um aluno ser aceito nela; dois da mesma família é quase um milagre.

“Deixar que nossas filhas sejam educadas tão longe de nosso convívio tem sido uma experiência traumática para todos nós”, declara o irmão Ferguson, “mas, por meio da fé, encontramos conforto e a confirmação de que tomamos a decisão certa.”

“Todos nós escrevemos uma ou duas vezes por semana”, diz Julie-Ann, “e existe na escola um telefone especial, que permite conversas entre o aluno, o intérprete e os pais, de modo que não temos que ficar muito tempo sem ajuda de casa, se surge algum problema.”

“O irmão e a irmã Williams, do Ramo de Newbury, nos dão uma carona para a igreja todos os domingos”, diz Heather. “Gostamos disso. É muito agradável o sentimento existente entre os membros.”

“Gosto de aprender tudo o que posso sobre o Salvador

GAIL E AMANDA, NA
EXTREMIDADE ESQUERDA,
AJUDAM A INTERPRETAR OS
SONS DO MUNDO PARA SUAS
IRMÃS, ENQUANTO SEUS
PAIS, PETER E LILLIAN
FERGUSON ASSEGURAM A
SUAS FILHAS QUE ELAS SÃO
AMADAS TANTO POR SEUS
PAIS TERRENOS QUANTO
PELOS CELESTIAIS.

e sua igreja”, diz Julie-Ann. “Faço seminário em casa, e isto sempre me ajuda. Às vezes sinto-me um pouco frustrada nas reuniões sacramentais, principalmente quando não consigo entender tudo o que os oradores dizem. As pessoas são bondosas e escrevem algumas coisas para mim, mas geralmente os oradores falam depressa demais e não consigo captar todos os detalhes.”

Ambas as jovens, no entanto, são excelentes em leitura labial. Além disso, usam aparelhos de surdez. Estão ficando tão peritas em entender os outros que já começaram até a aprender outro idioma— o francês. “É difícil”, diz Heather. “Tenho de me concentrar muito mais do que os alunos com audição normal.”

A leitura de música tem sido parte de suas vidas desde a infância. “Minha mãe costumava mostrar como as notas vão para cima e para baixo nos hinários da igreja”, declara Julie-Ann, “e, se a congregação não cantar mais alto do que o piano, posso sentir o ritmo e cantar os hinos.”

“Tocamos flauta do mesmo jeito”, comenta Heather. “Sinto a pulsação do som através de meus pés e pernas, e com muito treino conseguimos tocar certo. Temos uma boa orquestra aqui.”

Embora Julie-Ann, Heather e Deborah usem seus talentos para conseguir na vida, resultados iguais, e muitas vezes melhores, aos dos que não possuem problemas de audição, ficam às vezes desapontadas e magoadas com a atitude de muitas pessoas para com sua deficiência física.

“Prefiro ser tratada como todo o mundo”, diz Heather. É muito embaraçoso estar num grupo e ver que alguém começa a falar comigo bem devagar, usando os braços para enfatizar o que está dizendo. Parece que acham que sou ignorante e que não consigo entender de outra forma.”

“É, sim”, concorda Julie-Ann, “é tão bom ser aceita como parte do grupo, conversar normalmente, e não ter

ninguém nos fitando, como se fôssemos diferentes. Às vezes sinto vontade de dizer às pessoas: ‘Por dentro sou exatamente igual a você.’ Sinto-me triste e deprimida, quando as pessoas ficam com medo, ou quando não querem compreender-me.”

“É isso mesmo”, adiciona Heather. “Nem sempre compreendo a pergunta na primeira vez que é feita. Se peço que repitam, as pessoas geralmente respondem: ‘Ora, deixa pra lá!’ e vão embora. Eu preferiria que elas não desistissem, para que pudéssemos aprender juntas. Não gosto de conversas rápidas, com um ‘oi!’ ou ‘como vai?’ Prefiro falar de modo adequado, com discussões longas, não muito rápidas nem muito lentas, mas conversas reais, com expressões faciais e sentimento.”

Talvez por causa de um certo isolamento que a surdez produz, todas as três jovens desenvolveram um relacionamento pessoal muito achegado com o Pai Celestial.

“Converso muito com o Senhor, por meio da oração”, diz Julie-Ann. “Sinto fortemente a presença do Espírito Santo, e sou sempre grata pelas inspirações que recebo. Assistimos ao vídeo de uma conferência geral. Quando falaram sobre a importância de manter os padrões e de evitarmos cultivar amizade com pessoas de baixo padrão moral, senti um calor muito grande dentro de mim, quando o Espírito testemunhou da importância deste conselho. Deu-me vontade de chorar. Quisera que esse sentimento maravilhoso nunca desaparecesse.”

Os Ferguson parecem fazer parte do cumprimento de uma profecia. Em Isaías 29:18, o profeta escreveu: “E naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro.” Estes irmãos não só estão ouvindo a verdade do evangelho, como se educando e se preparando para compartilhar essas palavras com todos os que quiserem ouvir, seja com os ouvidos, os olhos, as mãos ou o coração. □

Chaves para o Desenvolvimento

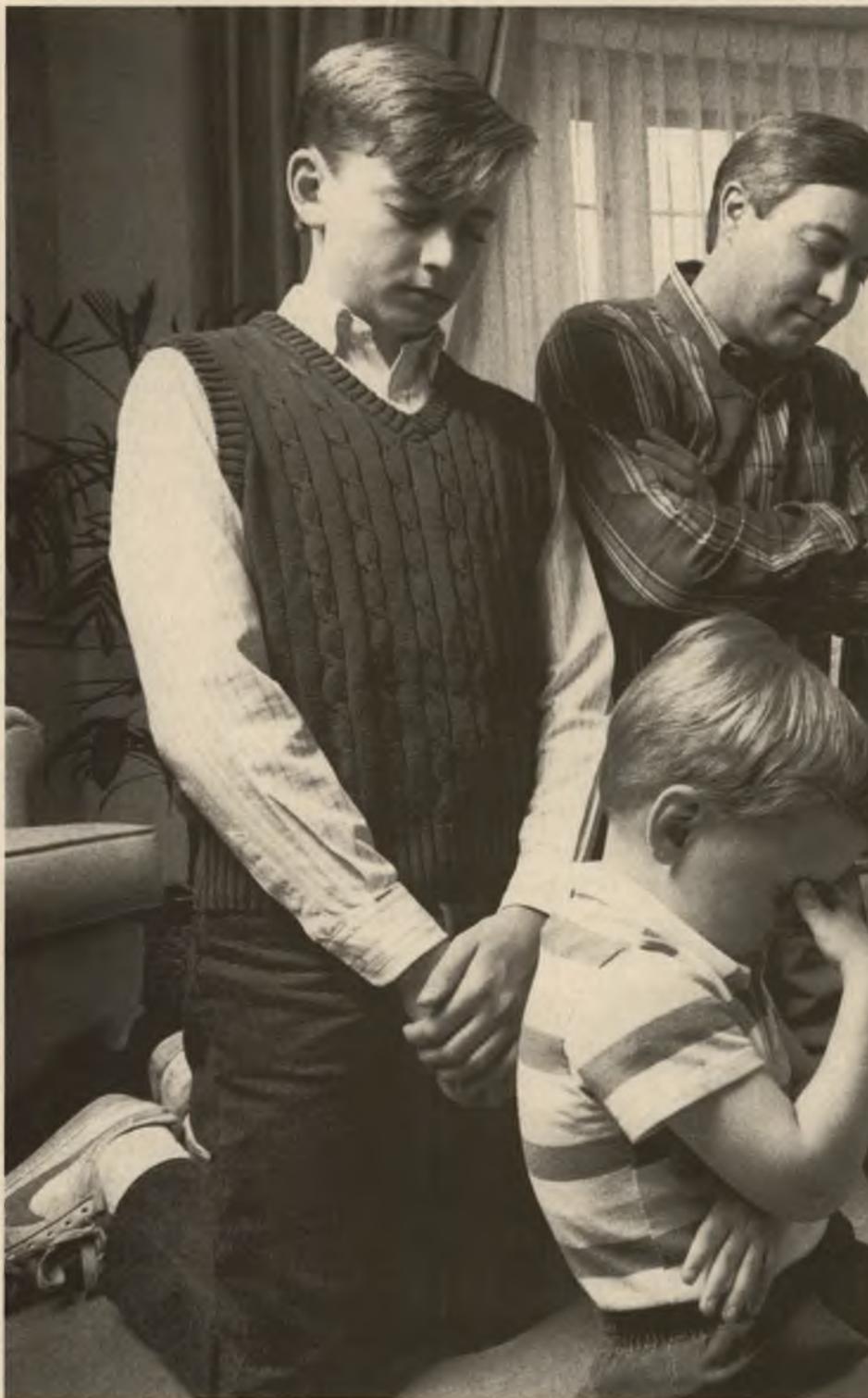
WILLIAM G. DYER

UM ESTUDO REVELA ALGUNS DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE TORNAM FORTES AS FAMÍLIAS DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS.

Muitos dos relatórios atuais sobre famílias dão ênfase a seus problemas – divórcio, violência física, uso de drogas, incesto, suicídio etc. Tamanho destaque pode levar à pergunta: existem famílias fortes e bem sucedidas e, caso existam, como conseguem?

Fizemos um estudo para examinar o que as famílias SUD bem sucedidas têm em comum. Pedimos a presidentes de várias estacas, de diferentes partes dos Estados Unidos, que nos dessem uma lista das quinze famílias de suas estacas que, na opinião deles, seriam as mais bem sucedidas ou exemplares. (Embora fossem famílias norte-americanas, os princípios básicos revelados são os mesmos nas famílias SUD de todo o mundo.) Entrevistas posteriores demonstraram que quase todas as duzentas famílias selecionadas eram inteiramente ativas e devotadas à Igreja, e que haviam desenvolvido um forte relacionamento entre pais e filhos.

O estudo se limitou a famílias com pelo menos um filho ainda morando em casa, e pelo menos um em idade suficiente para casar, para sair em missão ou ir para a universidade. Depois de analisar as pesquisas e entrevistas, descobrimos doze condições que nos pareceram uma constante.



o de Famílias Bem Sucedidas

ILLIP R. KUNZ



Virtualmente, todas as famílias estavam vivendo cada uma destas condições de maneira significativa. E, embora se diferenciassem de muitas maneiras, demonstravam semelhanças admiráveis em certas áreas básicas.

1. São dedicadas ao Evangelho de Jesus Cristo.

Ficou claro que, em algum momento, estes casais assumiram o compromisso de que sua família permaneceria ativa na Igreja.

O compromisso que assumiram para com a Igreja é evidente em três áreas: (a) Frequência às reuniões da Igreja, (b) pagamento completo do dízimo, (c) disposição de aceitar cargos na Igreja. Estes fatores foram encontrados em quase todas as famílias.

Uma delas disse: “Para nós, o mais importante é o sentimento maravilhoso que temos a respeito do evangelho. Sabemos qual é o propósito da vida, e que nossos filhos são importantes. O Pai Celestial é nosso sócio, e contamos com sua ajuda, depois de havermos feito nossa parte. Podemos viver sem muitas das coisas que nossos vizinhos possuem, porque sabemos que ajudar um filho é muito mais importante que ter uma casa maior ou obter outros bens. Missão, casamento no templo e união na família é o que realmente importa.”

Setenta e três por cento destas famílias indicaram que sempre, ou quase sempre, oravam em família, de manhã e à noite. Muitos dos que responderam que só oravam em família ocasionalmente, assim o fizeram porque seus compromissos às vezes os impossibilitam de estarem juntos.

AS FAMÍLIAS BEM SUCEDIDAS ESTABELECEM METAS. ALLISON ELDRIDGE E SUA

MÃE, YOSHIE AKIMOTO ELDRIDGE, SÃO AMBAS MUSICISTAS DE SUCESSO.

Declarou um pai: “Oramos em família tão freqüentemente quanto possível, mas é difícil fazê-lo todas as manhãs e noites, pois alguns de nossos filhos trabalham em horários diferentes. Raramente estamos em casa na mesma hora, mas nos domingos sempre oramos juntos.”

Este problema de horário também dificultava a realização de noites familiares ou a leitura das escrituras. No entanto, 66 por cento declarou que sempre, ou costumeiramente, realizava a noite familiar semanal. O terço restante se reunia ocasionalmente.

No que diz respeito à leitura das escrituras todos os dias, só cerca de 30 por cento estão conseguindo, ao passo que os outros 70 por cento indicaram ter condições de fazê-lo às vezes.

Não existe um fator único, nos antecedentes destes casais, responsável pelo seu compromisso religioso. Ao contrário, os antecedentes são diversos. Muitos são conversos. Por causa da II Guerra Mundial e da Guerra da Coreia, menos da metade dos pais entrevistados puderam cumprir missão. Menos da metade se formou no seminário. Mais de 20 por cento batizaram-se depois dos oito anos. Naturalmente, muitos deles saíram de famílias SUD ativas, que haviam sido membros da Igreja há gerações, e possuíam tradições que eram importantes na criação dos filhos. Mas outros vieram de famílias de membros menos ativos e nas quais nem todos eram membros, ou foram criados em lares de não-membros e, mais tarde, filiaram-se à Igreja.

2. Demonstram amor e união familiar.

Em seguida à poderosa influência da Igreja em suas vidas, essas famílias identificam como fator de maior importância para o seu sucesso, os sentimentos de amor e unidade. Como disse uma delas: “Gostamos de estar juntos. Nossa maior alegria é podermos conversar e gozar da companhia uns dos outros. Desejamos realmente estar juntos para a eternidade.”

Amor, apoio e unidade familiar não são conquistados automaticamente pela maioria destas famílias; são o resultado de planejamento e esforço. Os pais incentivam seus filhos a se apoiarem mutuamente, assistindo, por exemplo, a atividades das quais um irmão ou irmã participa.





Além de demonstrarem que se apóiam mutuamente em atividades fora de casa, estas famílias trabalham e brincam juntas. Férias em família, quando possível, oferecem experiências unificadoras.

3. Estabelecem metas.

As famílias parecem ter uma visão clara de para onde estão seguindo e das metas que querem atingir.

Todos os participantes disseram que desejavam o seguinte para seus filhos: Uma boa educação, casamento no templo, um forte sentimento de auto-estima e um bom conceito de si mesmo, um forte senso de união familiar, compromisso para com a Igreja, missão, desejo de ser um bom cidadão.

Eles conversam sobre o que querem como família. Visualizam a vida em família para todo o sempre. Tal visão se transforma em metas específicas debatidas quando as crianças são ainda pequenas, e os filhos começam desde cedo a planejar missão, e casamento no templo. Até mesmo os filhos menores puderam citar tais metas claramente.

4. Ensinam e conversam.

Estes pais passam boa parte do tempo conversando com os filhos, ensinando-os e ajudando-os a enfrentar problemas e preocupações pessoais. Um casal declarou: “Ser capaz de conversar livremente um com o outro e com nossos filhos sobre sentimentos, problemas, metas, mágoas e alegrias, tem sido nossa maior preocupação. Conversamos enquanto estamos trabalhando ou brincando. Às vezes, depois de havermos terminado de comer, permanecemos mais uma hora na mesa, conversando. Examinamos livros de referências, lemos em voz alta ou ficamos contando anedotas.”

Parte deste processo de aprendizado envolve leitura freqüente de bons livros – dos clássicos, de biografias e poesias. Adicionalmente, 97 por cento destes casais têm assinatura da revista da Igreja.

Estas famílias passam menos da metade do tempo assistindo à televisão do que a média nacional. Quando lhes perguntamos se o tempo diante da televisão era controlado, muitos pais responderam que sim, mas que grande parte desse controle consiste em oferecer algumas diretrizes e confiar nos filhos para que as sigam. Um pai disse

ELAS ACREDITAM QUE, PARA EXPRESSAM ABERTAMENTE O
ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS, SEU AMOR. UMA DE SUAS
SEJAM ELES ESPIRITUAIS OU CARACTERÍSTICAS É O
TEMPORAIS, PRECISAM TEMPO QUE PASSAM JUNTOS,
DESPENDER TEMPO, ESFORÇO CONVERSANDO E
E SACRIFÍCIO. AS FAMÍLIAS USUFRUINDO DA COMPANHIA
BEM SUCEDIDAS ELOGIAM E UNS DOS OUTROS.

o seguinte: “Quando foi perguntado a nossos filhos, numa pesquisa escolar, qual era seu programa de televisão favorito, eles responderam: ‘O noticiário.’ Isto, provavelmente, porque todos nós vemos as notícias juntos e comentamos os eventos do dia.”

5. Possuem poucas regras, mas grandes expectativas.

Quase todas as famílias possuem três regras: (a) Tratar com respeito cada membro da família; (b) contar aos pais aonde está indo e quando estará de volta; (c) ser honesto e digno de confiança.

Os filhos aprenderam, durante o processo de crescimento, o que seus pais esperam deles. Disse certo jovem: “Lembro-me da ocasião em que um dos meus amigos me convidou para ir ao cinema com ele, numa tarde de domingo. Respondi que não, e ele quis saber o motivo – seria uma de nossas regras?, perguntou ele. Pensei no assunto e subitamente compreendi que era uma de nossas regras, mas nunca havia sido preestabelecida. É apenas uma das coisas que nossa família nunca faria.”

A preocupação dos pais pelo paradeiro dos filhos parece dizer a cada um deles: “Você é importante e estamos interessados no seu bem-estar.”

6. A disciplina é firme, mas justa.

Estes pais disciplinam basicamente através de conversas. Quando os filhos não sabem o que devem fazer, os pais sentem que têm de tomar uma atitude. Noventa e sete por cento dos entrevistados declararam que argumentar com os filhos era o primeiro passo. Se a conversa não produz resultados, geralmente alguns privilégios são cortados. Alguns, eventualmente, batem nos filhos, embora isso ocorra apenas quando são mais novos. No entanto, 45 por cento declararam jamais haver batido nos filhos. Ao invés de punir os filhos quando desobedientes, a maioria tenta o uso de reforços positivos e recompensas, para ajudá-los a fazer o que é certo. Recompensam-nos com elogios, ou lhes dão algum incentivo em especial, quando são obedientes.

7. Expressam seu amor.

Estas famílias elogiam e expressam seu amor abertamente. Damos, a seguir, algumas formas mais freqüentes de demonstração de seus sentimentos:

(a) Declarar pessoalmente – 97 por cento





(b) Fazer coisas para ajudar uns aos outros– 96 por cento

(c) Abraçar– 94 por cento

(d) Escrever ou telefonar– 91 por cento

(e) Beijar– 85 por cento

(f) Prover o necessário para a vida– 74 por cento

Em geral, as famílias entrevistadas gostam de demonstrar seu amor ou aprovação através de expressões verbais elogiosas, ou amorosas ou por meio do serviço.

As entrevistas indicam que variam os modos de estas famílias expressarem abertamente seu amor, mas ficou evidente que expressar verbalmente os sentimentos, abraçar e ser carinhoso são uma constante.

8. Apoiam-se durante a adversidade.

Talvez uma das características mais importantes destas famílias seja a forma como se unem, quando enfrentam problemas. Todas elas passaram por dificuldades e aflições. Ao invés, porém, de serem vencidas pela adversidade, parece haverem crescido em conjunto. Em sua maioria, elas realmente não definiram seus problemas como adversidade. Declarou um pai: “Meu filho fugiu para casar; nossa filha mais nova teve câncer; tivemos um rapaz que começou a beber e usar drogas. E então, quando meu negócio começou a fracassar, meu sócio foi embora, deixando-me com todas as dívidas.” A reação deste pai em face da adversidade refletiu a de muitas das famílias entrevistadas, que se voltaram ao Senhor em oração e jejum, exercitaram sua fé, cingiram seus lombos, desenvolveram paciência, reuniram seus filhos e discutiram os problemas.

9. O apoio familiar é extensivo aos outros.

Uma das bases destas famílias é a de estender seu apoio para além da família imediata. Os membros destas famílias efetivas – quer vivam ou não em casa – continuam a manter um bom relacionamento com tias, tios, avós e primos.

Oitenta e quatro por cento dos pais disseram que os amigos dos filhos também eram uma influência positiva. Indicaram haver exercido influência sobre a procedência de tais amizades, na maioria das vezes convidando os amigos dos filhos para atividades em casa, de modo que pudessem conhecê-los, ver como se comportavam e o que faziam.

10. Sabem que o lar é um local cheio de ocupações.

Todos os membros destas famílias estavam envolvidos numa variedade de atividades em casa, no trabalho, na escola e na igreja. Eles não se isolavam do mundo. Trabalhavam para ajudar uns aos outros em vários tipos de atividades.

Os filhos freqüentemente estavam envolvidos no programa de escotismo ou trabalhavam fora de casa, além de praticarem esportes e outras atividades escolares.

11. Eles trabalham.

Quase todos estes pais indicaram que os filhos tinham que ajudar no trabalho da casa. Quase todas as respostas demonstraram preocupação pelos hábitos de trabalho dos filhos; 77 por cento das famílias disseram que os filhos faziam tarefas domésticas. O grupo com menor quantia de deveres consistia dos filhos mais velhos (geralmente ex-missionários) que moravam em casa e trabalhavam ou estudavam. É digno de nota observar que 60 por cento declararam que os filhos cumpriam suas tarefas de boa vontade. Para os outros 40 por cento, conseguir que os filhos trabalhassem em casa às vezes era um desafio.

Quanto a dar aos filhos algum tipo de mesada, 43 por cento dos pais o faziam; 57 por cento não. A ética do trabalho é forte nestas famílias. Mais de 40 por cento disseram que os filhos precisavam trabalhar para merecer o dinheiro dado a eles, e a maioria trabalhava fora de casa, em algum serviço simples, desde que tivessem idade suficiente.

12. Os pais se amam e se apóiam.

Em todas as duzentas famílias, havia uma aceitação geral dos papéis tradicionais desempenhados por maridos e esposas. A maioria dos homens eram os supridores, embora certo número de mulheres também trabalhasse fora. As mulheres tomam sobre si a responsabilidade

primária do lar, mas ambos os pais ensinam e disciplinam os filhos.

Certo casal fez esta observação: "Nós nos enamoramos há muito tempo, e assumimos o compromisso de trabalhar juntos nesta vida e na próxima. Houve vezes em que tivemos dificuldades, mas procuramos sobrepujá-las e nos amamos mais e mais com o passar dos anos. Nossos maiores problemas surgiram quando a maioria de nossos filhos estavam ficando mais velhos, mas enfrentamos tudo juntos. Nós realmente nos amamos, e nossos filhos podem sentir isso.

Conversamos e expressamos nossos sentimentos um para com o outro; oramos juntos e fazemos muitos planos para nossa família. Achamos que o Senhor nos ajuda em nossa vida familiar e na criação de nossos filhos."

Estes pais centralizam suas energias na criação de uma boa família. Todos reconhecem que têm fraquezas e defeitos. Ninguém afirma ser perfeito. Muitos indicam que não estão certos de serem bem sucedidos. Dizem eles: "Vamos esperar até nossos netos crescerem." Podemos, porém, ver claramente que, em suas vidas, o essencial é que estão tentando viver os padrões e valores do evangelho.

Todos também desejam permanecer unidos em família. Mantendo um compromisso sério com tais metas, parece que, de modo geral, os pais destas famílias são felizes em seus casamentos, e sentem que estão realizando algo muito bom e significativo em suas vidas. □

William G. Dyer, reitor emérito da Escola de Administração da Universidade Brigham Young, é presidente da Estaca BYU Um. Phillip R. Kunz, professor de sociologia da BYU, pertence à Ala Edgemont Oito, Estaca Provo Edgemont Sul.

SUGESTÕES PARA DISCURSOS

De vez em quando você vai ser chamado para falar nas reuniões da Igreja. É inevitável. Mas, será que você não sente um certo desconforto quanto à sua capacidade de preparar e apresentar discursos interessantes? Apresentamos, a seguir, alguns passos simples que podem ajudá-lo a preparar-se para uma experiência bem sucedida.

1. Escolha o assunto – ou limite-se a focalizar sua atenção no assunto que lhe foi dado – levando em consideração os interesses e necessidades da audiência, bem como os seus.

2. Identifique o seu propósito. Qual é a sua intenção, ao falar sobre o assunto?

3. Pesquise o assunto. Reúna escrituras, histórias, citações, exemplos, estatísticas, testemunhos etc., que o ajudem a apoiar seu tema.

4. Organize o material de maneira simples e lógica.

ENSAIE SUA
APRESENTAÇÃO... EM
FRENTE A UM ESPELHO.
AO FAZÊ-LO,
PROCURE ANTEVER A
REAÇÃO DA
CONGREGAÇÃO.

a. Introduza o assunto com uma escritura, história, exemplo, pergunta, ou sirva-se de outro método para chamar a atenção.

b. Esclareça o propósito de seus comentários.

c. Desenvolva cada idéia que serve de apoio ao seu objetivo com um exemplo, ilustração ou explicação. Desdobre o material, de modo que preencha o tempo que lhe foi designado.

d. Conclua, repetindo o ponto principal, simples e diretamente.

5. Ensaie sua apresentação. Peça a alguém que o escute, ou pratique em frente a um espelho. Ao fazê-lo, procure antever as reações da congregação.

Embora talvez ainda não se sinta muito à vontade, uma preparação adequada poderá ajudar a tornar mais positiva a experiência de discursar nas reuniões. □



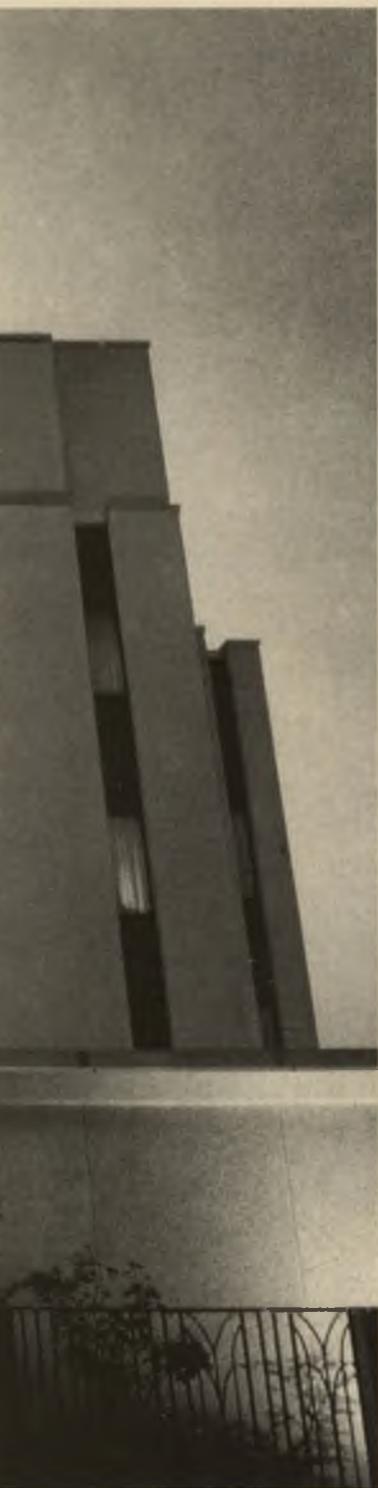
O MELHOR LUGAR



FOTOGRAFIA DE TOKIO ONOSHI

P A R A S E E S T A R

ANN LAEMMLEN



OS NAKAMURA DECIDIRAM
ACEITAR O CHAMADO
MISSIONÁRIO PARA SERVIR
NO TEMPLO. ELES SABIAM
QUE ISSO SIGNIFICARIA UMA
COMPLETA MUDANÇA EM
SUAS VIDAS, MAS ACHARAM
QUE VALIA A PENA.

Para Ryosho Nakamura, a palavra sacrifício não significa adversidade, pois é enorme sua alegria com tudo o que tem recebido espiritualmente por causa das coisas materiais que sacrificou.

O irmão Nakamura era um dos melhores e mais conhecidos cirurgiões de coração do Japão, até aposentar-se para cumprir uma missão no Templo de Tóquio. “Faltavam dez anos para eu me aposentar”, declara ele. “Mas minha esposa e eu desejávamos servir no templo.”

A decisão não foi fácil de ser tomada. O irmão Nakamura sempre desejara ser um cirurgião de coração. No entanto, crê que o Senhor o guiou à Igreja com um propósito.

Em 1956, depois de formar-se na Faculdade de Medicina da Universidade Kumamoto, ele visitou a Faculdade de Medicina de Tóquio para Mulheres, onde presenciou a realização de cirurgias do coração.

Ficou tão impressionado, que decidiu tornar-se cirurgião nessa especialidade. Levou cinco anos de treinamento intensivo. Foi nessa época que visitou a cidade de Nova York, com o propósito de fazer pesquisas. Antes de sair de Tóquio, um de seus amigos lhe disse que, ao voltar para o Japão, deveria atravessar os Estados Unidos para conhecer a Cidade do Lago Salgado, em Utah e o belo templo mórmon.

Embora o irmão Nakamura não tenha podido visitar a Cidade do Lago Salgado naquela ocasião, as palavras do amigo influenciaram a mudança que houve em sua vida.

“Recordei o que ele disse sobre a Cidade do Lago Salgado e dos mórmons quando, em abril de 1971, dois jovens apareceram em minha casa, em Kumamoto, e disseram: ‘Somos mórmons.’ Fiquei interessado em ouvir o que eles tinham a dizer, embora, como médico, sempre pensasse não precisar de religião. Eu sentia que não havia necessidade de pedir a ajuda de Buda ou de Deus.”

“Nossa primeira impressão dos missionários foi boa. Eles tinham somente vinte anos de idade, mas demonstraram uma atitude gentil e respeitosa, e apresentaram-nos conceitos que nos fizeram refletir”, diz o irmão Nakamura. “Pensei, então, que talvez meu filho e minha filha

pudessem tornar-se como os élderes, se ouvíssemos o que eles tinham a dizer.”

Os missionários retornaram ao lar dos Nakamura, e a família toda recebeu as palestras. Todas as vezes que os rapazes faziam uma pergunta, um de meus dois filhos respondia corretamente”, lembra o irmão Nakamura.

“Minha mulher e eu ficamos imaginando por que motivo as respostas deles às perguntas dos missionários estavam em harmonia com a verdade, enquanto as nossas eram um tanto vagas e demonstravam falta de entendimento. Isto fez com que nos sentíssemos humildes. Ficamos perturbados por nossos filhos poderem reconhecer a verdade.”

Os Nakamura sentiram-se especialmente impressionados com a ênfase dada às famílias. “As famílias deveriam ser o que há de mais importante na vida”, diz ele. “Tive a esperança de que, escutando as palestras dos missionários, nossa família se tornasse muito mais feliz.”

A família foi batizada em julho de 1971 e, em setembro do mesmo ano, o irmão Nakamura realizou sua primeira operação do coração. “Senti que o Senhor havia removido meus temores e apreensões”, diz ele. “Acho que, se o cirurgião do coração tem fé no Salvador, pode sentir a ajuda especial que lhe é concedida pelo poder divino.”

À medida que o irmão Nakamura ganhava experiência na Igreja, a idéia de ser selado no templo e de servir ao Senhor naquele edifício sagrado crescia dentro dele. E então, em 1973 (sete anos antes de o Templo de Tóquio ser dedicado), sua família teve a oportunidade de viajar até a Califórnia, para ser selada no Templo de Los Angeles.

Durante a viagem quase perderam alguns vôos, e chegaram mesmo a imaginar se o avião aterrissaria a salvo, mas suas orações para que fizessem uma jornada segura foram respondidas. O irmão Nakamura diz que hoje compreende como foi importante aquela viagem. “Depois dela, meu principal objetivo era trabalhar no templo,





A FAMÍLIA NAKAMURA GOSTA DE ESTAR JUNTA. O IRMÃO E A IRMÃ NAKAMURA, À DIREITA, COM SUA FILHA MASAMI SHICHIGO, SEU MARIDO, NORIAKI SHICHIGO, E A FILHA, AIRI SHICHIGO. (O FILHO DOS NAKAMURA, ATSUSHI, NÃO ESTÁ NA FOTOGRAFIA.) ABAIXO: O DR. NAKAMURA, VESTIDO PARA CIRURGIA.



junto com minha mulher.”

Os Nakamura decidiram aceitar um chamado missionário para servir no templo. Eles sabiam que isso significaria uma completa mudança em suas vidas, mas acharam que valia a pena.

Antes do seu chamado missionário, o irmão Nakamura era um homem muito ocupado, com sua profissão e a Igreja. Ele apreciava suas funções como diretor do hospital onde trabalhava, e como diretor de uma escola de enfermagem, na qual era também instrutor. Durante todo esse tempo, serviu também como conselheiro na presidência da missão e como presidente do distrito. Dia e noite recebia muitos chamados telefônicos de pacientes que precisavam de sua ajuda, a qual prestava de boa vontade.

“No templo não temos chamadas noturnas”, declara ele. “A coisa mais maravilhosa é saber que o templo é a casa do Senhor. Nele reina a paz absoluta. Hoje, tudo o que envolve minha vida diária tem base espiritual. Toda a obra vicária realizada no templo tem por objetivo servir a Deus.”

“É um grande privilégio poder trabalhar como procurador para nossos irmãos e irmãs falecidos”, diz ele. “Como nos disse o Senhor, ‘quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes’ (Mateus 25:40).”

Quando eu trabalhava no hospital e desempenhava meus deveres religiosos, ficava fora tantos dias e noites seguidos, que minha mulher se sentia muito só”, declara o irmão Nakamura. “Agora estamos trabalhando juntos o tempo todo, num lugar sagrado. Somos muito felizes.”

Depois de terminar sua missão, ele pretende voltar para sua profissão, mas não num hospital do governo, como antes. Gostaria de clinicar atendendo pessoas idosas.

“A obra do templo também é obra missionária. Significa que servimos a Deus”, diz o irmão Nakamura. “É o melhor lugar para servir, o melhor lugar para trabalhar, o melhor lugar para se passar a vida.” □

NINGUÉM ME VIU

MARIANNE E. FLINT

A viagem que fiz, de minha casa, no Arizona, até a Nova Zelândia, com alguns amigos foi uma grande experiência em todos os sentidos. No entanto, o último impacto de um momento, em particular, fortaleceu meu testemunho da importância não só de sermos honestos, mas também de nos arrependermos nesta vida.

Devíamos voltar para casa em três dias quando, acidentalmente, bati meu carro alugado noutro veículo, no estacionamento do hotel. O dano foi muito pequeno — um arranhãozinho na pintura do outro carro. Mas fiquei com o coração pesado ao pensar na minha responsabilidade e nos quatro dólares que restavam em minha bolsa.

Ninguém a não ser uma amiga que me acompanhava tinha visto o acidente, pois aconteceu tarde da noite. Vários pensamentos cruzaram minha mente, enquanto me dirigia ao meu quarto:

“Este tipo de coisa acontece o tempo todo, sem que ninguém se preocupe a respeito disso. Não houve dano real, e ninguém vai ficar sabendo quem foi o responsável. Eu não tenho mais dinheiro. E se o dono tentar tirar proveito da situação e me fizer pagar um dinheirão para pintar o carro todo?”

Entrei no quarto e imediatamente me ajoelhei, com a intenção de pedir ao Pai Celestial que me fizesse sentir que estava certa, não fazendo nada a respeito da situação. Mas, no momento em que fechei os olhos, senti que não podia pedir-lhe que aprovasse algo errado. Conseqüentemente, pedi-lhe rapidamente que me ajudasse a fazer o que era certo.

Sem nem mesmo esperar pela resposta que sempre soubera, levantei-me imediatamente e escrevi uma breve explanação do que aconteceu e onde fora feito o dano. Incluí o número do meu quarto no hotel e pedi ao proprietário do carro que fizesse o favor de entrar em contato comigo. Em seguida, dirigi-me ao estacionamento e coloquei o bilhete no carro danificado. Dormi bem naquela noite, compreendendo que não faria diferença o resultado, fosse ele qual fosse; de um jeito ou de outro, eu seria capaz de tomar as devidas medidas.

Na manhã seguinte, um senhor de aparência muito agradável bateu na minha porta, segurando o bilhete na mão. Fez-me saber rapidamente que o dano era insignificante e que eu não deveria preocupar-me; adicionou que ficara surpreso e contente em ver que a pessoa se preocupava em dar uma explicação.

“O senhor tem certeza?”, perguntei, explicando que desejava fazer o que era certo. Ele assegurou que não precisava preocupar-me e foi embora.

O que teria acontecido, se eu não houvesse feito o que fiz? Eu nunca teria sido capaz de ressarcir meu erro. Um mês mais tarde, enquanto presenciava um acidente semelhante na televisão, junto com minha família, recebi outra recompensa além daquela que uma consciência tranqüila me havia proporcionado.

“Foi isso o que eu fiz na Nova Zelândia”, disse para meu marido, que já estava familiarizado com o incidente.

Quando minha filha mais velha me perguntou o que eu fizera a respeito, respondi seriamente, como se estivesse dizendo a verdade, que era muito tarde e que, como ninguém me vira, fora para meu quarto sem tomar qualquer providência.

“Mãe”, respondeu ela, olhando-me diretamente nos olhos: “eu conheço a senhora e sei que nunca faria isso!”

A fé que ela demonstrou ter em mim fez com que eu me sentisse eternamente agradecida por haver-me arrependido de meu erro enquanto ainda estava na Nova Zelândia. Talvez isso seja como arrepender-se nesta vida, ao invés de fazê-lo na outra: a restituição pelo dano causado foi rápida e fisicamente fácil, porque tanto o homem como o carro estavam lá. Eu só tinha que perguntar-lhe o que precisava fazer, e fazê-lo.

Se eu houvesse tentado arrepender-me mais tarde, o processo teria sido muito mais demorado e difícil, porque eu nunca poderia ter feito uma reparação e teria de encontrar outro modo, através de muita oração e ponderação. Sinto-me agradecida por haver-me arrependido bem depressa do meu erro e não ter desapontado a mim mesma e nem à minha filha. □

Marianne E. Flint mora na Ala Alma 5, Estaca Arizona Mesa Oeste.



“Quantos Pães Tendes?”

JACK M. LYON

O SENHOR ENSINA MUITAS COISAS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DE NOSSOS RECURSOS.

Jesus disse certa vez algo que, à primeira vista, nos parece meio estranho: “Se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?” (Lucas 16:11.) Em outras palavras, se não administramos fielmente nossos bens terrenos, quem nos dará bens celestes?

Embora o Senhor nos tenha prevenido de que não podemos servir a ele e ao dinheiro (vide Lucas 16:13), deu-nos bens terrenos para ver se os administramos sabiamente, a serviço dele. Uma das melhores maneiras de aprendermos a fazê-lo é por meio do próprio Senhor, de suas palavras e exemplos, conforme registrados nas escrituras.

Lição 1: Saiba Quanto Dinheiro Tem

É importante sabermos sempre quanto dinheiro temos. “Não disponho do suficiente”, poderá dizer você. E talvez seja verdade. Mas não se esqueça do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O Salvador tinha

de alimentar cinco mil pessoas. A primeira coisa que fez foi perguntar aos discípulos: “Quantos pães tendes?” (Marcos 6:38.) Ele sabia que não havia alimento suficiente, mas, ainda assim, quis saber quantos tinham – cinco pães e dois peixes. Quando sabemos quanto temos mesmo que não seja o suficiente, ganhamos um pouco mais de controle sobre as circunstâncias, tornando possível um melhor planejamento do que faremos com o que possuímos.

Mesmo que o Senhor nos tenha abençoado com abundância, ele espera que administremos sabiamente o que temos. Depois de dar de comer à multidão, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (João 6:12). E eles, então, contaram o alimento que sobrou. Marcos registra que “levantaram doze cestos cheios de pedaços” (Marcos 6:43; João 6:13). Quer seja pouco ou muito o que possuímos, precisamos conhecer nossas reservas.



Lição 2: Saiba Quanto Deve

Você sabe quanto deve? “Demais”, talvez seja a sua resposta. Sim, mas quanto? E como pode planejar o pagamento, se não souber realmente qual é essa quantia? Depois de haver calculado quanto tinha em mãos, o Salvador pediu ao povo que sentasse na relva, em grupos cuidadosamente repartidos, “de cem em cem, e de cinquenta em cinquenta” (Marcos 6:40). Talvez tivesse feito isto para ver exatamente até que ponto teria que esticar seus recursos, embora houvesse muito mais pessoas do que alimento.

O Salvador certa vez deixou bem claro este princípio:

“Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?”

Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele,

Dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar” (Lucas 14:28–30).

Quando você sabe quanto deve, obtém algum controle sobre suas obrigações financeiras e, surpreendentemente, goza de um certo sentimento de segurança, mesmo quando o que deve é muito mais do que o que possui.

E, se não for capaz de pagar todas as suas obrigações? O Senhor também aconselhou a respeito: “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão” (Mateus 5:25).

Em outras palavras, antes de passar por dificuldades legais, converse com seus credores. Conte-lhes seus problemas. Muitos deles poderão mostrar-se dispostos a lhe dar um prazo maior, se puderem ver que você é honesto, que está disposto a estudar um plano de pagamento e que não está procurando fugir à responsabilidade.

Lição 3: Agradeça a Deus pelo Que Tem

Noutra ocasião, quando Jesus alimentou os quatro mil,



deu “graças” pelo alimento que tinha, embora não fosse suficiente. (Vide Mateus 15:36.) Preocupados com nossos problemas financeiros, às vezes nos tornamos rancorosos e ingratos, mas resolveremos melhor nossos problemas, se nos humilharmos e agradecermos a Deus pelo que possuímos, ao invés de nos preocuparmos com o que não temos. O Redentor literalmente contou suas bênçãos, e todo o povo se surpreendeu com o que ele havia feito.

Lição 4: Peça Ajuda a Deus

O Salvador mandou que os discípulos pedissem as coisas de que necessitavam, e prometeu-lhes: “Pedi, e dar-se-vos-á.” Não devemos pensar que devemos limitar nossas orações a pedidos de inspiração, embora isso seja importante. Nosso Pai Celestial está disposto a dar “bens aos que lhos pedirem” (Mateus 7:7–11).

O próprio Cristo pediu ajuda ao Pai. Marcos observa que, ao alimentar as cinco mil pessoas, Jesus “levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães”. Depois, distribuiu o alimento ao povo, “e todos comeram, e fica-

ram fartos” (Marcos 6:41-42).

O Pai Celestial não nos prometeu dar algo em troca de nada; ele espera que pegamos justamente as coisas de que realmente necessitamos. Se tivermos fé no Senhor e lhe pedirmos ajuda, ele certamente arranjará um meio de podermos cumprir nossas obrigações, mesmo quando isto nos pareça impossível.

O Senhor possui recursos dos quais não temos conhecimento. Quando foi pedido a Pedro que pagasse os impostos, Jesus lhe disse: “Vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o, e dá-o por mim e por ti” (Mateus 17:24-27).

Isto não significa dizer que Deus vai simplesmente mandar o dinheiro de que precisamos, embora seja possível. É bem provável que ele abençoe seus esforços para livrar-se das dívidas, ajudando-o a administrar melhor o que já tem. Se formos suscetíveis ao ensino, ele poderá abençoar-nos com a lembrança de recursos ou possibilidades não notados antes. Tenhamos fé e ouçamos os sussurros do Espírito, e o Senhor nos levará pela mão.

Como disse o Salvador: “Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos.

Porque as gentes do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que haveis mister delas.

Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Lucas 12:29-31).

Lição 5: Economize Algum Dinheiro

Poupar para o futuro faz parte da administração sábia do dinheiro. Se possuímos mais do que necessitamos, esta é uma tarefa fácil, mas, mesmo que não possuamos tentemos economizar alguma coisa, embora seja só um pouquinho por semana ou mês. Isto vai ajudar-nos a estabelecer o hábito de poupar. Além disto, nossas economias eventualmente começarão a crescer, incentivando-nos a poupar ainda mais.

O Senhor espera que aumentemos nossas posses, não

importa quão pequenas sejam. Na história dos talentos, um servo recebeu cinco; outro, dois; e o último, um. O servo que recebeu dois talentos e os investiu de maneira sábia, recebeu o mesmo elogio do seu senhor que aquele que havia recebido cinco, investindo-os de forma igualmente sábia. Ele foi chamado de “servo bom e fiel”. Por haver sido fiel “sobre o pouco”, seu senhor “sobre muito” o colocou. (Vide Mateus 25:23.) Só o servo que não fez nenhum investimento com o dinheiro que lhe foi confiado foi condenado. O Senhor disse que ele poderia, pelo menos, haver dado o dinheiro aos banqueiros, para receber os juros. (Vide Mateus 25:27.)

Podemos aprender a administrar com mais eficiência nosso dinheiro, aplicando as lições ensinadas por Jesus. Podemos encontrar muitas outras lições semelhantes nas escrituras, pois elas contêm dúzias de referências ao dinheiro e o lugar que desempenha em nossas vidas. (Vide exemplos na lista que acompanha este artigo.)

À medida que você aplicar o que aprendeu, começará a ver que sua situação financeira melhora. Enquanto espera o dia no qual o Senhor lhe dará as riquezas da eternidade, terá a satisfação de saber que está administrando fielmente o que lhe concedeu aqui na terra. □

Jack Lyon é editor associado da Deseret Book Company. Mora na Ala Lake Ridge 12, Estaca Magna Utah Sul.

.....
Escrituras Interessantes sobre Dinheiro

Sobre administração de finanças:

Ageu 1:6; I Timóteo 5:8; Jacó 2:19;
D&C 38:39-40; 136:27

Sobre economia:

Mateus 25:1-13; D&C 45:65; 48:4

Sobre dívidas:

Salmos 37:21; Provérbios 22:7; Romanos 13:7-8;
D&C 19:35; 64:27; 104:78; 136:25

Sessenta Sugestões para Serviço

L Escreva cartas para todos os missionários, incluindo os casais mais velhos, que pertencem à sua ala.

2. Ofereça-se para sair com os missionários de tempo integral que servem em sua área.

3. Convide os missionários de tempo integral para uma refeição em sua casa. Ajude sua mãe a prepará-la.

4. Envie uma nota de agradecimento para os seus líderes adultos, depois de atividades especiais.

5. Ofereçam-se, como classe, para fazer a limpeza depois da próxima atividade dos Rapazes e das Moças.

6. Como classe, sob a direção da coordenadora do berçário, ofereçam-se para ajudar no berçário durante a reunião de economia doméstica da Sociedade de Socorro, ou na noite em que os membros da ala vão ao templo.

7. Ofereça-se para ajudar a limpar o terreno em volta da capela.

8. Quando os jovens de 12 anos forem à Organização dos Rapazes e das Moças pela primeira vez, sente-se ao lado deles, ou fique com eles durante o início da atividade, para que sintam que são bem-vindos.

9. Para os jovens que não têm carro, ofereça carona para as reuniões e atividades.

10. Peça aos jovens mais velhos da ala que selecionem irmãos e irmãs secretos dentre os mais novos e enviem-lhes bilhetinhos com pensamentos animadores e um docinho.

11. Faça um esforço extra para ser agradável a algum jovem santo dos últimos dias que freqüente a mesma escola que você, principalmente os mais novos, que talvez necessitem de um pouco mais de atenção.

12. Escreva uma carta para seus avós, ou tias e tios.

13. Escolha as roupas que já não lhe servem, dando-as para seus irmãos ou irmãs mais novos, ou para alguém que possa usá-las.

14. Ofereça-se para ser o encarregado da noite familiar.

15. Escreva para alguém de sua família um bilhetinho anônimo, agradecendo ou expressando alguma demonstração de carinho.

16. Limpe os sapatos de seus pais, aprontando-os para o domingo.

17. Ofereça-se para ficar cuidando de seus irmãos mais novos, enquanto seus pais vão ao templo, ou a alguma

atividade da ala.

18. Escreva ou grave histórias contadas por membros mais velhos da ala.

19. Quando alguém tiver alguma idéia para um grande projeto de serviço, apóie a idéia e ajude a torná-la um sucesso.

20. Organize um seminário de preparação para um terremoto, incêndio ou inundação em sua vizinhança.

21. Leia para crianças internadas em hospitais, e tente escrever você mesmo uma historinha sobre a pessoa ou pessoas para quem vai ler.

22. Ofereça-se para tomar conta de crianças cujas famílias não podem pagar pelo serviço, ou que têm de ficar em casa, cuidando de um familiar enfermo.

23. Ofereça-se para ajudar as crianças da ala que estiverem encontrando dificuldades na escola.

24. Ofereça-se para ensinar alguma habilidade aos outros.

25. Organize um passeio ou outra atividade, para crianças da vizinhança, de modo que as mães possam ter algumas horas de descanso.

26. Organize um "comitê de emergência" ao qual as mães da ala possam recorrer, quando necessitarem



FOTOGRAFIA DE GIG GREENWOOD

de alguém que tome conta das crianças, ou que faça algum trabalho doméstico etc., nos momentos de uma emergência real.

27. Tome conta das crianças, para que tanto o marido como a mulher possam cantar nas apresentações do coral da ala, ou ir aos ensaios.

28. Organize um projeto comunitário de limpeza, junto com um grupo de jovens de outra congregação ou religião.

29. Ofereça-se para ajudar a dar as boas-vindas aos membros recém-chegados à ala, acompanhando-os às classes.

30. Compartilhe seus exemplares antigos de *A Liahona*, com famílias que não têm assinatura da revista.

31. Pergunte aos missionários da ala se gostariam de que você escrevesse a algum de seus pesquisadores, expressando o que sente sobre o evangelho.

32. Ofereça-se para distribuir, aos membros necessitados da ala o excedente da produção de frutas e verduras de sua horta.

33. Ofereça-se para ajudar a arrumar as cadeiras, quando alguma organização da ala precisar.

34. Aprenda a fazer genealogia e a história da família.

35. Escreva uma nota de apoio a um amigo que esteja passando por alguma dificuldade.

36. Componha uma canção especial para alguém que precise. Não tem que ser a melhor coisa do mundo. O que vale é a lembrança.

37. Se alguém escreve poesia, faça uma música para um de seus poemas, como surpresa especial.

38. Defenda alguém que esteja sendo alvo de chacotas.

39. Desculpe-se, quando souber que ofendeu alguém, não importa quem esteja certo.

40. Quando alguém se desculpar com você, aceite a desculpa educadamente e perdoe.

41. Se achar que alguém não possui uma opinião muito boa de si mesmo, envie-lhe uma carta anônima, com uma lista de algumas das qualidades que admira nele.

42. Conserve o seu quarto limpo. Isto é de grande ajuda para a família.

43. Mantenha um bom relacionamento com seus irmãos e irmãs. Isto também é uma grande ajuda para a família.

44. Procure dar-se bem com seus pais. Isto é de grande ajuda tanto para eles como para você mesmo.

45. Confie em seus pais o suficiente para contar-lhes os seus problemas. Isto é de ajuda para eles e para você.

46. Goste de si mesmo. Isto é de grande ajuda tanto para você como para todos os que a cercam.

47. Se algum amigo lhe disser que está pensando em suicídio, mas lhe pedir segredo, conte para os pais dele! Esta é uma das poucas ocasiões em que você não deve guardar segredo.

48. Diga aos seus pais que os ama, o quanto os aprecia, e como está se esforçando para viver da maneira que lhe ensinaram. Isto lhes proporcionará mais felicidade que qualquer outra coisa que você possa fazer por eles.

49. Lembre-se de que muitos serviços que você prestar aos outros, também podem ser prestados para sua própria família, que também





FOTOGRAFIA DE DEANETTE GOATES SMITH

precisa deles.

50. Se algum professor, na escola ou na igreja, fez alguma diferença em sua vida, diga isso a ele agora. É bem provável que ele pense que não está conseguindo ajudá-lo em nada.

51. Ofereça seu talento artístico, para fazer cartazes ou faixas para o comitê de atividades da ala, para ajudar na propaganda de eventos futuros.

52. Pague suas ofertas de jejum. Estará ajudando as pessoas que realmente necessitam de ajuda.

53. Prepare auxílios visuais para serem usados na noite familiar, e doe-os à biblioteca da ala.

54. Descubra se na sua cidade existe um programa de serviço voluntário e em que áreas há necessidade de pessoal.

55. Quando der um Livro de Mórmon a algum amigo não-membro, inclua um "vale" para ajudar em algum trabalho caseiro, no jardim ou cuidar de crianças.

56. Quando alguém der à luz, ofereça-se para cuidar dos outros filhos, para que o marido possa visitar a esposa no hospital.

57. Ofereça-se para brincar com as outras crianças e cuidar delas, para que a mãe possa despendar algum tempo com o recém-nascido, ou cuide dele, a fim de que a mãe tenha tempo para cuidar das outras crianças.

58. Faça um cartão de agradecimento bem bonito, para seus mestres familiares.

59. Escreva cartas ditadas por deficientes ou pessoas impossibilitadas de fazê-lo sozinhas.

60. Divirta-se prestando serviço. □



ILUSTRADO POR STEVE MOONE

Trezentos Rolos de Pergaminho

“QUE OS MORTOS SE EXPRESSEM EM HINOS DE ETERNO LOUVOR

AO REI EMANUEL, O QUAL . . . ORDENOU AGUILO QUE NOS

PERMITIRIA REDIMI-LOS DE SUA PRISÃO” (D&C 128:22).

E MARIONA WASHBURN

u havia estado em Barcelona, na Espanha, compilando os dados coligidos por um ancestral do século dezoito, de meu marido não-membro. Tinha obtido quase duzentos nomes, extraídos principalmente de diários escritos em catalão, minha língua nativa. Sabia que, além destas informações, a família do meu marido possuía cerca de trezentos rolos de pergaminho com genealogia, todos escritos em latim, em manuscritos do século quinze.

Circunstâncias relativas à família me permitiam ficar bem pouco tempo com este material escrito em latim, e eu não conseguia decifrar os escritos. Também não tinha dinheiro para tirar fotocópias e, com um tempo tão limitado, comentei com uma amiga que me preocupava com as almas que teriam de esperar mais tempo para que as ordenanças, em benefício delas, fossem realizadas.

Minha amiga sugeriu que eu pedisse uma bênção do sacerdócio. Eu o fiz, depois de um período de jejum, e senti-me espiritualmente fortalecida. Continuei, porém, desanimada diante de uma tarefa tão monumental, e deixei os pergaminhos de lado durante algum tempo.

Finalmente, quando só me restava uma semana para traduzi-los, caí de joelhos e roguei por ajuda. Se for da tua vontade ó Senhor, por favor, permite-me ser um instrumento para a redenção daquelas pessoas de sua prisão.

Daquele dia em diante, meu entendimento dos escritos se tornaram mais claros. Fui até mesmo capaz de traduzir sem dicionário. Cada rolo se tornou mais fácil, e passei

a ler cada vez mais rapidamente. Consegui, de alguma forma, a privacidade de que necessitava, e embora trabalhasse à noite, com poucas horas de sono, não fiquei cansada. Parecia-me sentir a presença daqueles para quem estava trabalhando, o que me deu o apoio espiritual de que tanto necessitava.

Descobri que os ratos haviam mordiscado os documentos, através dos séculos, destruindo algumas das informações. No entanto, em quase todos os casos, localizei as informações que faltavam em algum outro lugar dos documentos. Cada vez que me esquecia de escrever algo, sentia que precisava reler o pergaminho. Quando o desenrolava, imediatamente descobria a informação de que necessitava. Sempre que a tradução se tornava difícil, eu orava fervorosamente por ajuda, e não deixava de recebê-la.

Terminei a tradução em quatro dias, pouco antes de vir embora. Compilei informações que datavam até 1212 D.C. Não contemplei anjos nem tive visões, mas todos os dias presenciei um milagre – um milagre tão natural como o nascer do sol.

Sempre serei agradecida ao Pai Celestial por haver-me ajudado. Hoje, mais do que nunca, tenho um testemunho de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem o espírito de Elias, que nos permite redimir os mortos de sua prisão. Sei que, através desse espírito, “os encarcerados terão a liberdade” (D&C 128:22). □

Mariona Washburn é membro da Ala Mt. Vermon 2, Estaca Mt. Vermon Washington.



CADA UMA PELO NOME

CYNTHIA PENNELL

A noite estava

caindo, quando nos dirigimos à montanha de topo achatado, onde morava o velho pastor de ovelhas. À luz do entardecer, seis figuras maltrapilhas faziam silhueta contra o céu alaranjado. Pareciam espantalhos, com hediondas faces pintadas. A vestimenta preta que os cobria, em frangalhos, soprava ao vento. Latas lhes haviam sido penduradas, e retiniam com um som surdo. À luz do crepúsculo, pareciam lúgubres e estranhos.

Um pouco amedrontada com as misteriosas figuras, disse para minha companheira: “Não sei se quero ir adiante. Quem quer que tenha feito coisas tão soturnas, provavelmente não será muito

ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH







receptivo ao que temos a dizer.” Virando o furgão, dirigi de volta, atravessando o largo espaço aberto que era a Reserva Indígena dos Navajos. Como missionárias da Missão Arizona Holbrook, desejávamos compartilhar o evangelho com todos, mas talvez não incluísse a pessoa que fizera aquelas figuras sinistras, com formato humano.

Na semana seguinte, no entanto, sentimo-nos inspiradas a visitar o pastor de ovelhas. Ao voltarmos, desta vez de dia, encontramos-lo em pé, junto a uma velha árvore, tão imóvel quanto um dos espantalhos que havia criado. Tinha uma vara na mão e vestia um longo casaco negro. Observou-nos sair do furgão e nos aproximar. Seus cabelos eram brancos e os olhos calmos. Não havia qualquer expressão naquela face morena, toda enrugada.

Minha companheira era nova no campo missionário e não sabia falar a língua dos navajos. Eu também não falava muito bem, mas nos apresentei em navajo, com uma frase que significa, em essência: “Olá, quem é você? Nós somos missionárias.”

Ele me fitou e eu achei que havia ficado impressionado com o fato de eu saber sua língua o suficiente para cumprimentá-lo. Respondeu-me em inglês: “Eu batista. Não ouve você. Eu batista.”

Sua resposta fora ríspida, mas sentimos que escondia algo – havia por trás dela um misto de gentileza e bondade, que falava mais alto do que as palavras. Não discutimos, mas continuamos conversando e não foi preciso muito tempo para que conseguíssemos marcar uma nova visita.

Nos meses seguintes, visitamos muitas vezes o velho

pastor. Ele levava suas ovelhas para muito longe e, às vezes, tínhamos que dirigir até o topo de algum monte e perscrutar a região distante até encontrá-lo. Cada visita era preciosa para nós.

Não tínhamos um lugar para sentar e conversar com ele, porque sua choça era muito pequena. No começo, ficávamos sentadas na parte de trás do furgão. Quando estava muito frio, apertávamo-nos dentro da cabina. Nossas visitas levavam muito tempo, porque eu tinha pouco conhecimento da língua dele, e ele sabia mais ou menos o mesmo tanto de inglês. Aprendemos juntos. Eu apontava para uma árvore e a identificava em inglês. Ele apontava a mesma árvore e dizia o nome em navajo. Depois, nós dois repetíamos a nova palavra. Pouco a pouco, fomos aprendendo a língua um do outro, o suficiente para nos comunicarmos.

Gradualmente fomos conhecendo-o. Descobrimos que se chamava Peter Wolley, nome que lhe havia sido dado, quando serviu o exército dos Estados Unidos, durante a II Guerra Mundial. Depois de diversas visitas, começamos a ensinar-lhe o evangelho. Senti, de maneira muito forte, a influência do Espírito. Meu navajo não era fluente, mas, às vezes, sentia-me inspirada a usar certas palavras que não pensava conhecer. Embora não conseguisse fazer-me entender com clareza, ele parecia reconhecer a verdade nas coisas que eu lhe dizia.

Era um navajo muito tradicional e nos ensinou muitos dos costumes da tribo. Aprendi a não ser tão curiosa, pois isto é considerado falta de educação na cultura dele. Quando parei de fazer perguntas, e ele sentia vontade, falava-nos de sua vida.

P

**ETER AMAVA SUAS OVELHAS. COLOCAVA-AS
DENTRO DE SUA CHOÇA COM ELE, NAS NOITES**

**FRIAS. SABIA SEUS NOMES E CONHECIA-LHES OS HÁBITOS.
ERA UM HOMEM MUITO ATENCIOSO.**



Mostrou-nos o rio e outros lugares favoritos seus. Apontou-nos esconderijos de raposas e os lugares onde os coiotes haviam estado. Ensinou-nos a pastorear as ovelhas. Mostrou-nos como fazia as figuras altas, vestidas de preto, que nos haviam levado a desistir de nossa primeira visita. Não as fizera com a intenção de aterrorizar as irmãs missionárias, mas, sim, de espantar os coiotes que quisessem fazer mal às ovelhas.

Ele amava suas ovelhas e caminhava muitos quilômetros com elas todos os dias, à procura de melhores pastos. Colocava-as dentro de sua choça com ele, nas noites frias. Era um homem muito atencioso.

Ele conhecia suas ovelhas. Sabia seus nomes e conhecia-lhes os hábitos. Certo dia, quando estávamos à procura dele e do rebanho, vimos uma de suas ovelhas separada do resto.

Quando encontramos o rebanho, disse-lhe: "Peter, uma de suas ovelhas está perdida. Nós a vimos do outro lado do monte."

Ele nos pareceu muito calmo com a notícia e respondeu: "Oh, eu sei. É Box. Está muito velha e não tem mais nenhum dente. Ela está bem." Fiquei surpresa. Ele sabia tudo sobre aquela ovelha em particular, mesmo estando ela fora do alcance de seu olhos. Peter percebeu minha surpresa e sorriu. Não possuía mais dentes do que Box.

Eu sabia que já havia ganho sua confiança, quando ele começou a me chamar de sua "alta amiga branca". Para um navajo, chamar alguém de "meu amigo", ao invés de usar o nome, é um grande elogio. Ao chamar-me de alta e branca, ele fazia referência à minha altura e aos meus cabelos louros.

Certa ocasião, fizemos uma toalhinha de papel para ele, com os quatro passos da oração. Cobrimo-la com plástico transparente e a colocamos na sua mesinha. Ele adorou o presente, e acho que foi porque gostava de orar. Tinha muito tempo para orar enquanto cuidava do rebanho.

Ensinamos Peter durante sete meses, e então fui transferida para outro distrito. Alguns élderes navajos passaram a ensiná-lo em sua própria língua. Ele se mostrou receptivo aos ensinamentos deles e entrou para a Igreja. Sinto orgulho em ter ajudado a abrir a porta para que o meu bom amigo recebesse o evangelho.

Peter não podia ir à Igreja com muita frequência, porque não tinha ninguém para cuidar das ovelhas. Vivia a noventa quilômetros de distância da capela e não tinha condução. Não podia andar tão longe, e poucos podiam viajar os 180 quilômetros de ida e volta, num terreno acidentado, para ir buscá-lo e depois levá-lo de volta. Mas eu não me preocupava muito com ele, porque era um homem bom, que levava uma vida digna. Eu sabia que o Pai Celestial tinha conhecimento de seu paradeiro, da mesma forma que Peter sabia onde encontrar Box, a velha ovelha. Mesmo só, no topo de sua distante montanha, ele estava dentro do rebanho.

Penso em Peter como um mestre. Ele me ensinou a maior parte do que sei de navajo. Deu-me aulas sobre ovelhas e coiotes, sobre paciência e silêncio, e sobre pastos em lugares estéreis. Melhor ainda, ensinou-me sobre bons pastores, que amam e conhecem cada uma de suas ovelhas, mesmo aquela bem velha e sem dentes, que parece perdida e separada do resto do rebanho. □

CONSTRUA CORRETAMENTE

SEGUINDO O SALVADOR, CADA UM DE NÓS PODE FAZER DE NOSSA VIDA UMA ESTRUTURA MAGNÍFICA.



Conta-se a história de um jovem construtor que acabara de entrar no negócio de construções, por conta própria. Um amigo de seu pai, muito rico, procurou-o e disse-lhe: “Para ajudá-lo a se estabelecer, vou deixar que construa uma casa para mim. Aqui está a planta. Não faça economia. Quero que seja usado o melhor material, e mão-de-obra de primeira. Não se preocupe com o custo. É só mandar-me a conta.”

O jovem construtor ficou obcecado com o desejo de enriquecer às custas desta generosa e irrestrita oferta. Ao invés de empregar bons operários e comprar material de primeira, enganou seu benfeitor de todas as formas possíveis.

Finalmente, o último prego de má qualidade foi colocado na última parede, também de má qualidade, e o construtor entregou as chaves e a conta ao amigo de seu pai. O cavalheiro preencheu um cheque, pagando o custo total da construção, e depois entregou as chaves de volta para o construtor.

“A casa que você acaba de construir”, disse ele com um sorriso de satisfação nos lábios, “é o meu presente para você. Espero que viva nela e seja muito feliz!”

Se este jovem construtor houvesse pensado nas consequências de seus atos e pensamentos desonestos, talvez chegasse a um claro entendimento do que Jesus descreveu há muito tempo:

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua



ILUSTRADO POR RON PETERSON

queda.” (Mateus 7:24–27.)

Meus jovens amigos, cada um de vós recebeu a oportunidade de construir uma bela vida. Até certo ponto, o tipo de vida que construíis depende de vós. Posso oferecer-vos uma sugestão sobre como construí-la da maneira certa?

A chave para a edificação de uma vida agradável é basear essa vida em Cristo e seus ensinamentos, escutar “estas minhas palavras” e praticá-las.

Se vivermos os princípios do evangelho, seremos o cumprimento da declaração do Salvador: “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5:14). E, possuindo esta luz, poderemos fazê-la brilhar diante dos outros, por meio de nossas vidas e feitos, influenciando-os para que glorifiquem o Pai Celestial.

Jesus quer que todos nós o conheçamos, devido ao poder transformador desse conhecimento, e à alegria indescritível que ele traz às nossas vidas. A influência do evangelho, porém, deve ser estendida além do indivíduo.

Deve ser como uma luz que dissipa a escuridão da vida daqueles que nos cercam. Ninguém é salvo só e simplesmente por si mesmo, assim como nenhuma lâmpada é iluminada meramente para o nosso benefício.

Na seção 39 de Doutrina e Convênios, o Senhor disse a James Covill, um converso recente, que, se ele verdadeiramente aceitasse e vivesse o evangelho, receberia “o Consolador, o qual manifesta todas as coisas, e ensina as coisas pacíficas do reino” (D&C 39:6).

Além disso, foi-lhe prometido “que o poder estará contigo; terás grande fé, e eu estarei contigo e irei adiante de tua face” (D&C 39:12).

A mesma promessa é feita a todos os fiéis. Se edificarmos nossa vida no serviço ao próximo e ao Senhor, temos a promessa da ajuda do Mestre Construtor. E ele sabe, muito melhor que nós, tudo o de que precisamos para uma vida completa.

Em outra ocasião, Jesus disse: “Estou à porta, e bato”

(Apocalipse 3:20). A menos que abramos a porta e permitamos que ele entre em nossas vidas, ele não poderá fazê-lo. É somente quando aceitamos nosso Salvador e fazemos a sua vontade, que adquirimos o desejo de fazer o bem continuamente.

É inerente aos primeiros princípios do evangelho o “princípio do desejo” —o desejo de amar a Deus e ao próximo “de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mateus 22:37). Cada um de nós tem que trabalhar em harmonia com a vontade de Deus e criar um clima espiritual que permita a entrada de Jesus em nossas vidas; em seguida, temos que continuar a viver “com os olhos fitos na (de Deus) glória” (D&C 4:5).

Em nossa religião e na Igreja maravilhosa à qual pertencemos, não somos divididos pela idade; ao contrário, princípios eternos nos unem. À medida que vós, jovens, edificais vossas vidas, sois guiados pela crença que tendes em Jesus Cristo e no seu evangelho, assim como aqueles que estão terminando de construir.

Cristo sintetizou alguns desses princípios, de maneira dramática, conforme registrado nas escrituras: “Aproximando-se dele um mancebo, disse-lhe: . . . que bem farei, para conseguir a vida eterna?” (Mateus 19:16.)

Quem não desejaria saber, ou não daria tudo o que possuísse, pela resposta a essa pergunta, principalmente se ela viesse do próprio Salvador?

Aqui está: “Se queres . . . entrar na vida, guarda os mandamentos.” Observem as palavras mágicas: “Se queres entrar na vida.” Entrar na vida, realmente! Não é este o verdadeiro objetivo de cada um de nós? Na verdade, será que existe outro?

Ao lhe ser perguntado sobre o que queria dizer com “guarda os mandamentos”, Jesus respondeu: “Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás

falso testemunho” — e seguem-se as positivas e gloriosas admoestações: “Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 19:16–19).

Que plano magnífico para uma vida plena! Estes mandamentos, e tudo o que incluem, constituem um desafio glorioso e uma fortaleza intransponível contra o mal. Envolvem o uso do tempo da melhor maneira possível e no melhor sentido, e certamente servirão para salvaguardar nossa moral e integridade, ajudando-nos a sermos bons exemplos. Este é o tipo de edificação possível aos santos dos últimos dias.

Nos dias de Joseph Smith, os membros da Igreja não sabiam se deveriam construir lares permanentes ou temporários. Haviam-se mudado de um lugar para outro com freqüência. Mas o Profeta lhes disse: “Construam como se fossem ficar no mesmo lugar para sempre.”

Podemos aprender uma grande lição, se fizermos um estudo cuidadoso de nossa história. O sucesso da Igreja pode ser atribuído à nossa fé em Deus e por sermos conduzidos pela direção inspirada de líderes fortes e devotados, nunca tomando atalhos, e conservando, de modo dinâmico, Jesus e seus ensinamentos divinos em nosso meio.

Se edificarmos nossas vidas para e com nosso Salvador, haveremos de fazê-lo com o melhor material e o máximo de esforço. Não seremos desonestos nos estudos, nos treinos, no trabalho, ou na obediência. Não trapacearemos naquilo que estamos tentando edificar nem tentaremos tirar vantagem de nosso benfeitor, que nos deu tão maravilhosa oportunidade. Sentiremos o desejo de construir algo nobre e sólido, algo digno da confiança que em nós foi depositada.

Ao edificarmos uma vida tal, seremos uma bênção não só para nós mesmos, mas para os outros. E nossa construção, será magnífica depois de terminada. □



"MOISÉS CHAMA AARÃO PARA O MINISTÉRIO", DE HARRY ANDERSON.

EM SEGUIDA AO ÊXODO DO EGITO, O SENHOR ORDENOU AOS ISRAELITAS QUE CRIASSEM UM TABERNÁCULO QUE LHESSERVISSE DE TEMPLO PORTÁTIL. DEPOIS DE O HAVEREM TERMINADO, MOISÉS CONSAGROU AARÃO E SEUS QUATRO FILHOS PARA ADMINISTRAR AS SUAS ORDENAÇÃS. E MOISÉS "DERRAMOU DO AZEITE DA UNÇÃO SOBRE A CABEÇA DE AARÃO, E UNGIU-O, PARA SANTIFICÁ-LO". (VIDE LEVÍTICO 8:1-12.)



Embora completamente surda, Deborah Ferguson ainda assim consegue comunicar a alegria de viver o evangelho. Vide “ouça com o coração”, p. 14.